Para todos...

—Quando
soffria um ataque
de enxaqueca,
a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.
Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!
Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias; cólicas menstruaes, rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.
Não affecta o coração nem os rins.
"meu unico allivio"!

A JANELLA

ENTRE a minha janella e a "sua", ficava a rua, a rua de provincia onde, aos domingos, ouvia-se o som triste e monotono do realejo. Os passaros chilreavam, saltitando alegremente no chão, sem se perturbarem; o transito era pequeno, e até o ruido de uma bicycleta me chamava, ás vezes, a attenção. Em certas noites, não se ouvia sequer o ladrar dos cães, mas sómente a canção ardente do ar, que fazia vibrar, como uma orchestra, os fios telegraphicos.

Foi esse o meu ultimo retiro. Não era o primeiro, porque já em outras vezes, eu sentira o gosto de me separar da correnteza da vida, e de contemplal-a fixamente, ao longe, quasi como quem saboreasse uma visão de immortalidade. Mas foi esse o ultimo retiro, certamente; depois, a vida arrastou-me comsigo para sempre.

Nesse tempo, eu escolhera uma villazinha, no campo, num logar esquecido, para residir; e ahi me enterrára, desde o começo de um gélido Outubro — que presagiava o Inverno — com um creado velho e pouco amigo de conversar, sem amigos, nem mulheres; por mezes e mezes, e quasi sem correio até.

Trouxera uma boa provisão de papel, mas não escrevia; e livros novos, de vida intensa, cujas paginas ainda não tinham sido cortadas; tinha, principalmente, uma grande riqueza de imaginação, tão copiosa, que se tornava obscura, tão perfumada, que eu me exaltava em silencio, sentindo o espirito a voejar dentro de mim mesmo, de aventura em aventura, de sonho em sonho, com a sensação de que a minha existencia fosse uma superficie lisa, elastica, serena, sem escopo e sem escravidão. Ineffavel bem-estar, semelhante ao de um menino ou á de um asceta !..

A's vezes, quando olhava o sol que agonisava no horizonte, parecia-me ver e descobrir com os meus olhos que a terra era redonda.

Em frente á casinha em que eu morava, mais além da rua, o campo era plano e não havia muitas arvores. As mésses, especialmente quando lustrosas ao sol, depois das chuvas, pareciam phosphorecentes.

Dentro da casinha, quasi todos os aposentos estavam fechados, pois eu vivia apenas no meu quarto e no gabinete que dava para um terraço, aberto sobre o valle. Dahi e da janella do quarto, eu não via senão solidão, exceptuando uma outra villa, menor ainda do que a minha, do outro lado da rua.

Mas, mesmo esta era estranha e deserta. As janellas dos seus aposentos davam para o campo, e eu não as podia ver. Uma só janella era quasi visivel, situada na parte mais estreita do pequeno edificio; mas uma espessa accacia a escondia em grande parte, cobrindo-a com a sua côma negra e farta, impenetravel como uma esphera.

Entre o terraço onde eu passeava, entre a janella á qual me debruçava e aquella janella, ficavam, pois, a rua e a accacia. A "sua" janella. Assim eu a chamei por muito tempo, de mim para mim.

●

A principio, em todo o mez de Outubro e depois tambem em Novembro, a villa ficou vasia, esse era mesmo um dos principaes motivos que me induziram a morar por ali, tendo a certeza de não ter visinhos. A antiga dona da casa, uma velha solteirona mentecapta, ternamente apaixonada por uma cachorrinha cinzenta, quasi tão velha como a sua possuidora, e obcecada por um extravagante medo de terremoto, acabára enlouquecendo deveras, ha dois annos, presa de mania religiosa; as duas creadas que lhe faziam companhia, roubavam-na a grande; então, alguns parentes internaram-na em uma casa de saude e a interdictaram.

Desde então as janellas da casa deshabitada não mais se abriram, e no jardim as flores murcharam.

Mas, numa manhã de Novembro, não ouvi apenas as andorinhas, que eram numerosas naquellas bandas, ouvi tambem um voo de notas escapadas de um piano esquecido, cujo som se perdeu nos campos desertos, alegremente. Comprehendi de onde vinha aquelle tocar. Soube mais tarde, que tinham alugado a villa a um velho senhor com sua filha: e elle era magro, alto, com certo ar de dignidade e umas roupas que o adelgaçavam ainda mais; ella não era mais uma creança, teria os seus vinte e quatro annos, mas em comparação com elle parecia mais neta do que filha.

Não quiz me informar propriamente, a respeito delles, nem saber porque tinham vindo para ali. A principio esperei que fossem logo embora; e os encontrava raramente. Além disso, passeavam em direcção opposta á minha, mas, se por acaso os via, não os cumprimentava. Olhava-os fixamente com uma curiosidade quasi insolente, á qual a rapariga respondia no mesmo tom, como se tivesse vontade de rir-me na cara.

Ella era de uma belleza sã e florescente; nenhuma linha do seu rosto, entretanto, podia-se considerar como perfeita e acabada; os seus cabellos escuros, excessivamente abundantes, e muito espessos no alto da cabeça, davam-lhe um aspecto de camponeza, que ella exaggerava com o chale atirado nos hombros. Mesmo o corpo, alto e cheio, embora erguido sobre os tornozelos nervosos, era robusto em demasia. As faces largas, o queixo energico, seriam tambem um pouco accentuados

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Campeonato carioca de football

G. A. BORGESE

demais, se os sorrisos não os enchessem; e a tez opaca de morena necessitava a paixão ou a hilaridade para brilhar. Eu nunca a vi sorrir muito; mas, se não sorria, tinha geralmente uma expressão bizarra de despeito, de má creação pueril, cuja graça igualava a do sorriso. E os dentes, os olhos, eram um esplendor! O olhar era tão forte e carregado de electricidade, que parecia arrebatar comsigo os proprios olhos dos quaes partia!

De manhã e á noite, eu ouvia o bater das persianas da sua janella que ficava quasi invisivel, por traz da accacia. Puxava-as para dentro, com um gesto que eu imaginava; como se tivesse despertado de repente, sem vagar ou lentidão, já saturada de ar puro; ou como se fosse para a cama, toda cheia de somno, não podendo mais.

Quanto tempo passava á janella? Decerto, muito; eu não o sabia. A's vezes, ouvia o costumeiro soar do piano esquecido; mas, percebia-se que não era pianista e que tocava mais por um desafogo; os accordes se espalhavam pela atmosphera, como o petulante som das suas risadas, que eu não conhecia. Não conhecia nem a sua voz. Algumas vezes, em todo aquelle tempo, ouvi-a chamar pelo pae, batendo com o tacão no soalho: — Papae! Papae! — emquanto o velho, naturalmente, tardava a chegar; mas não era a sua voz natural; ella a transformava, tornando-a nasal e arrastada, para imitar o tom dos "enfants-gâtés" e das bonecas mecanicas.

Passeavam lado a lado. A belleza della, mais que de linhas, era feita de movimentos. O seu busto se entumecia, pleno de vitalidade; sentia-se o esforço que ella fazia para se dominar e não sahir a correr; cada passo, ondulante e vibrante, era cheio de exuberancia.

Quando passava por baixo da minha janella, erguia os olhos para me olhar, sem subtendidos nem faceirice; fitava-me dos pés á cabeça, se eu estava no terraço como se olha uma arvore que se reconhece numa volta de caminho.

Acontecia-me pensar nella. Imaginava que andavamos de braço dado, hombro contra hombro, emquanto o seu velho pae e o velho creado de ambos nos seguiam á distancia.

A symetria divertia-me. Mas depois, esquecia-me de tudo.

O pae, de quando em vez, partia para a cidade e deixava-a só durante quasi uma semana. Então, tudo continuava como antes; mas, quando a moça passava debaixo da minha janella, não levantava os olhos. A' tardinha, subia até á collina; ou sentava-se, com um livro, entre os castanheiros, por traz da minha casa.

Constantemente apoiava o rosto sobre a mão, ou alisava os cabellos, como quem conhece o seu proprio corpo, e o ama, e espera sem pressa, que os outros o amem.

Depois, quando o velho voltava, ella o chamava com uma voz um tanto differente da sua de sempre, e recomeçava com elle os passeios, ao longo da estrada plana.

Como eu a principio não os cumprimentava, não o fazia tambem agora, receioso. E os nossos olhos se encontravam, e paravam: os della, sem intenção, os meus, sem temor.

●

Eu não sou desses que temem o outomno. No campo, é a estação mais festiva, e, sabe a vindimas.

Fiquei até meiados de Novembro, e "elles" tambem. Mas o pae, depois dos Finados, foi para a cidade, devendo regressar sómente para a mudança.

A accacia se desnudou, primeiro, pouco a pouco, depois, mais depressa. Comecei a ver melhor a janella, e tambem os cabellos negros da que se debruçava nella. Mas, em certa noite ventou muito, e no dia seguinte, as folhas amarello-dourado voavam e cahiam. Entre a minha janella e a sua não havia senão a rua: não havia mais a accacia...

Um dia os nossos olhos se encontraram; e os meus não se contiveram mais. Ella entrou; e um grupo de notas partiu do piano, como um vôo de folhas loucas.

Então eu desci, e bati á sua porta.

— Quem é? — perguntou com voz severa.

— Sou eu.

Fez-me passar para um salãosinho, e eu me sentei a seu lado. Ella respirava com ansia, e com a mão livrava a testa do peso dos cabellos. De perto, pareceu-me ainda mais morena. Depois, começou a rir, com o seu riso de menina presumida.

Tomei-lhe da mão; não sabia o que fazia; mas a rapariga ficou séria e se separou:

— Fique quieto! O que veiu fazer aqui?

— Vim... para lhe perguntar o seu nome.

Ella riu de novo.

— Herminia.

— Herminia, entre as flores e as plantas — disse eu, tolamente.

— Já não ha mais flores — retorquiu ella. — O senhor fica aqui todo o inverno? Nós "voltamos" para a cidade, lá pelo São Martinho.

— Eu voltarei no dia seguinte — disse rapido. — Ou nesse mesmo dia. — E segurei-lhe novamente a mão.

Então ella não se riu mais.

Assim, a vida tomou conta de mim. E não me deixou mais.

(Conto traduzido por ANELÊH)

Jogo do Fluminense com o Andarahy

REVISTAS DE TODO O MUNDO

EMPORION — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal Internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista no genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios Francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mecanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIERREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercado, contribuições; mineraes; agricultura, industrias.

MACACO — Jornal das crianças, contos infantis, pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAPHICO — Revista semanal, com assumptos esportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do cine.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria da actualidade hespanhola.

MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenho para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paysagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

"CASA LAURIA" — AGENCIA DE PUBLICAÇÕES DE TODOS OS PAIZES AMERICANOS E EUROPEUS

Casa Lauria — Rua Gonçalves Dias, 78

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

PRETA (Rio) — Como demonstrou muita impaciencia, vou começar hoje pela resposta á sua consulta. Sua calligraphia grande é signal de imaginação viva, altas aspirações, generosidade, um pouco de orgulho attenuado por natural bondade e doçura. Noto ainda indecisão, receio, medo, timidez, alguma teimosia e reserva, um tanto de excentricidade ou capricho. O traço forte com que sublinha da esquerda para a direita sua assignatura, é uma caracteristica de que tem personalidade, embora seja timida em se fazer obedecer quando tem de dirigir ou ordenar. Está satisfeita ?

A falta de espaço impede-me de ser mais extenso.

CURIOSIDADE — Sua letra vertical revela energia, reserva, frieza, ao lado de dissimulação, calculo, desconfiança, pelo modo artificial e bizarria da escripta, denotando ainda desequilibrio, capricho, affectação.

Pouca cultura intellectual, vaidade, perturbações mentaes...

MARGARIDA (São Paulo) — Mantenho a opinião anterior e fico satisfeito por ter confessado "seu enthusiasmo pela graphologia, pelo acerto com que fiz seu retrato". Embora, como já disse, os horoscopos nada tenham de commum com a graphologia, aqui vae o que pede das pessoas nascidas a 19 de Junho:

Têm duas naturezas perfeitamente antagonicas e em conflicto uma com a outra.

Passam, ás vezes, sem motivo apparente, de absoluta calma para furioso accesso de ira. São inconstantes, voluveis e de espirito versatil, embora possuindo intelligencia lucida e grande poder de raciocinio para advogar as causas que lhes são sympathicas.

Habilissimas em apprehender rapidamente as duas faces de uma controversia, gostam, entretanto, de resolver os mais simples problemas por processos complicados. São generosos e affaveis, sendo ás vezes mal interpretados esses sentimentos.

Amantes da natureza, se comprazem em admiral-a em seus diversos aspectos viajando por paragens longinquas. As mulheres são ternas e affectuosas e devem moderar sua impaciencia, assim como fugir dos intrigantes e embusteiros.

MARIA AMELIA BOTELHO (Rio) — Nada tem que agradecer; agrada-me saber que "os dois estudos feitos em épocas differentes: 6—XI—1926 e 15—XII—1928 são tão perfeitos que se diria que eu a conheço"...

Apenas tenho a notar que o primeiro foi feito pelo meu saudoso antecessor, a quem substitui em Janeiro de 1928, e como a "graphologia não se engana", os resultados obtidos foram identicos, desde que não houve modificação no seu caracter, revelada pela letra.

POMBINHA (Rio) — Os pequenos defeitos notados no estudo anterior ainda persistem até agora, pois não noto grande mudança no typo da letra.

Um pouco mais de bondade, talvez, de indulgencia, dessa "meiguice e carinho" que, diz, os seus intimos lhe encontram no trato.

A mesma franqueza rude de sempre, e um pouco menos de pessimismo, pois desappareceu aquelle ponto negro final com que terminava sua assignatura, deixando apenas o traço da esquerda para a direita, signal de personalidade, firmeza de caracter.

Os conselhos que pede são faceis de dar: força de vontade e energia que, aliás, não lhe falta para se corrigir daquilllo que julgar pouco proprio. Seja discreta, perseverante e menos altiva... orgulhosa...

A. A. PESCADOR (São Paulo) — Energia, frieza, reserva, mobilidade, agitação constante, deducção logica, grande poder de assimilação, actividade psychica, sequencia nas idéas, um pouco de precipitação, impaciencia, embora sempre controlada pela força de vontade que não a deixa expandir-se. Regular cultura, amor ao luxo e ás viagens.

NEY (Rio) — Letra calligraphica é signal de insignificancia, amor ao convencional, espirito de rotina, acanhado, convervador, pretensioso, a menos que não se trate de um professor de calligraphia que escreva assim "por dever do officio" e para dar o bom exemplo, o que não deixa de ser uma graphia artificial, convencionada. Noto ainda amor ao confortavel, ás viagens, sybaritismo, bastante teimosia e espirito critico. Isso não exclue alguma bondade e emotividade.

JORGE V (Rio) — Sentimentalidade, sensibilidade, ternura, fraqueza, amor proprio muito susceptivel de ser offendido. Alguma cultura intellectual, um pouco de timidez, de medo, de falta de confiança em si proprio. Pouco amor tambem á verdade, que póde ser levado á conta de imaginação fantasista e fertil, espirito creador.

Um pouco de orgulho e vaidade, desejo de ser notado e gosto pelas situações complicadas, pelos mysterios e subterfugios.

Aquelles pontinhos cabalisticos "enfeitando" sua assignatura são infalliveis no caso.

No momento de escrever estava sob uma impressão qualquer de desasocego, de espectativa, preoccupado, emfim com o futuro.

GRAPHOLOGO.

A. DORÉT

Cabelleireiro — Ondulação permanente e de outros systemas — Manicuras — Tinturas.

Os melhores perfumes.

•

5 - Alcindo Guanabara - 5

ADEUS RUGAS!

3.000 DOLLARS DE PREMIOS SE ELLAS NÃO DESAPPARECEREM

A mulher em toda a edade póde se rejuvenescer e embellezar. E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto em pouco tempo. — Experimentae hoje mesmo o RUGOL.

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvidos pelos pôros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desapparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recemnascida poderá usal-o.

RUGOL dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA — *Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.*

Mlle. Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possue oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de cura não são espontaneos e authenticos.

AVISO — *Depois desta maravilhosa descoberta innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre:*

R U G O L

Mme. Hary Vigier escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio"

Mme. Souza Valence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desapparição não só das rugas como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS. Escrip. Central: Rua Wenceslau Braz nº 22. 1º andar.
— Caixa 1379. S. PAULO —

C O U P O N

Srs. Alvim & Freitas — Caixa 1379 — São Paulo.

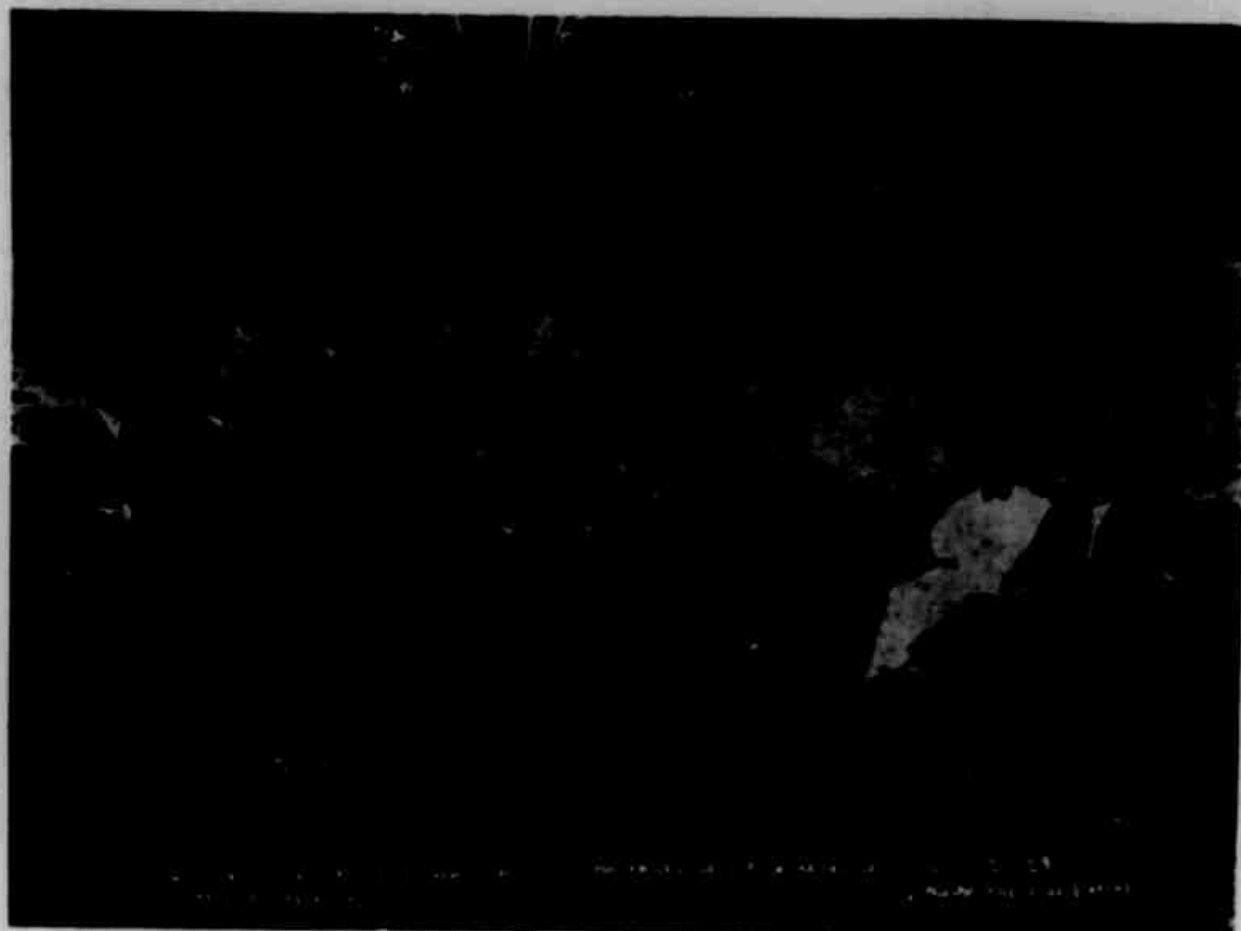
Peço-lhes enviar-me pelo Correio o *Tratamento Scientifico para Embellezar o Rosto.*

Nome. . . . .

Rua. . . . .

Cidade. . . . .

Estado. . . . .

(QUEIRAM ESCREVER COM CLAREZA)

Franca (São Paulo) — Grupo de medicos de Franca que homenagearam com um banquete o seu collega Dr. Antonio Grisi, o que está sentado no centro do sofá.

Franca (São Paulo) — Banquete da Junta Medica de Franca offerecido ao seu collega Dr. Antonio Grisi, em partida para a Italia. Realizado na Villa Cavaeira Petraglia a 27—2—929. — Photo J. Aguiar.

A vida começa amanhã

Trinta annos de pastor servi a Labão, pae de Rachel, serrana bella, e mais servirá se não fôra ter nascido em 1898.

— Cansaste?

— Não, vivi. E como Jacob servi a todas as Racheis que passaram no meu caminho...

— Soffreste muito?

— Vivi...

— Não entendo.

— Você comprehende a vida sem um pouco de soffrimento?

Que seria do prazer se não fossem esses momentos agradaveis de soffrimento...

E como é bom soffrer quando se ama...

— Verdade?

— Claro.

— Não sei mais quando você falla verdade...

— Nem procura saber. Tome a vida pelo seu traço geral. Não se preoccupe com os detalhes.

— Mas como? Até bem poucos dias você era detalhista.

— Que importa a minha opinião de hontem?

Hoje eu penso assim e sou tão feliz quanto era hontem?

Sómente os mathematicos pensam sempre da mesma fórma. E quem me affirmará que elles são felizes?

— Não comprehendo.

— Vou explicar.

Hoje passando por uma casa de musicas, detendo-me na vitrine tive occasião me lembrar de vocês.

Conheces aquelle apparelho horrivel que se chama *metronomo?*

— Sim.

— Pois a vida de vocês é assim. Sempre a mesma.

Os mesmos movimentos, os mesmos ideaes, os mesmos prazeres, as mesmas mulheres...

E' preciso mudar meu caro.

Hontem você gostava dos dias claros. Hoje aprecie os chuvosos.

Hontem admirava as louras, hoje prefira as morenas.

—Mas então... devemos ser como os maniacos de contradicção?

— Você não comprehendeu.

Não é preciso contrariar. Basta affirmar.

Affirme e defenda um ponto de vista, seja qual fôr. Si o seu interlocutor pensar de maneira contraria, deixe-o de mão, sem discutir.

Discutir faz mal e é feio.

— Faz mal?

— Sim, faz mal aos nervos e é feio... segundo os professores de bom tom.

Não pense nunca no que affirmou hontem.

Lembre-se que...

A vida começa amanhã!!!

Sempre amanhã.

FONTOURA BARRETO.

Senhores e senhoras João Daudt de Oliveira (com sua filhinha), Rodrigo Octavio Filho, José de Azurem Furtado e Almirante Marques Couto.

C A X A M B Ú

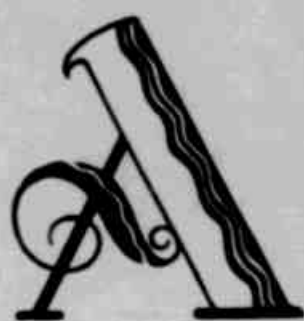
Um jantar no Palace-Hotel

Photos A. João

Para "Para todos..."

INTELLIGENCIA FEMININA

por

MARIA EUGENIA CELSO

A questão da intelligencia feminina acha-se de novo em fóco.

Homens eminentes responderam á pergunta sempre ligeiramente impertinente do inquerito: terá a mulher a intelligencia do homem? Reitores de universidades, decanos de faculdades, professores, scientistas, homens de letras, artistas e poetas, todos deram superiormente a sua opinião.

A maioria foi cortez, cabendo provavelmente á minoria a sinceridade.

Entre tantos pareceres diversos, porém, houve uma especie de accordo unanime entre estes senhores em achar que sempre faltam certas cousinhas no cerebro feminino, por mais aperfeiçoado que seja.

Nada de grande manha, já se vê. A faculdade geradora do espirito apenas, o que os latinos chamavam "genius", idéas em summa.

Um certo Dr. Toulouse lamenta mesmo, em todas nós, essas especie de esterilidade intellectual que se traduz nas alienadas por uma falta absoluta de invenção do delirio.

Felizmente, — accrescenta Yvonne Sarcey, a quem devo o conhecimento deste debate palpitante, — não fala da mulher ajuizada, o que permitte algumas esperanças quanto a sua faculdade imaginativa.

A questão, todavia, permanece de pé: terá a mulher a intelligencia do homem?...

Tem-na, porém differente. Tem a sua intelligencia, com o genero de aptidão creadora que ella comporta e a somma de qualidades especiaes que lhe é peculiar.

Mais synthetica no homem, a intelligencia na mulher vem muito mais da intuição do que do raciocinio puro.

Apprehende muito melhor a priori o detalhe typico do que abrange um circulo completo de idéas geraes. Seu principal defeito ou a sua qualidade maxima é particularisar.

As generalidades, se não lhe escapam de todo, não a interessam senão por um esforço combinado de vontade. O genio da mulher, todavia não é no seu cerebro que o devemos procurar. Está na sua sensibilidade.

"E' pela bussola do coração," — declara ainda com muito acerto Yvonne Sarcey, — "que nós achamos nossas verdades, o sentido da justiça, o caminho da felicidade."

Intelligencia de homem, intelligencia de mulher, forças que se equivalem e se completam sem, entretanto se assemelharem. Mas para que insistir na velha controversia?... Não se convence nem a homens, nem a mulheres. E, afinal de contas, como viver a gente eternamente extasiada deante da superioridade mental do macho?... Todos conhecem, como eu conheço, muitos imbecis. Atravancam carreiras e empregos, escrevem tolices como qualquer uma de nós... Como se vê, intelligencia e estupidez andam equitativamente repartidas pelos dois sexos. Se a intelligencia feminina é menos notavel, em compensação a sua curteza de espirito é mais discreta. Não se pode dizer que não seja uma vantagem.

A triste historia de João Gualberto

FOI naquelle Carnaval em que se cantava nas ruas

Pinião, pinião, pinião...

que João Gualberto perdeu Danuzia Thereza.

Morena e "mignon", bonita e sensual, disfarçadamente leviana, fingindo-se uma grande martyr e uma desencantada do mundo e dos homens, apezar do verdor dos annos e da vida que levava em familia, Danuzia Thereza fôra a sua paixão maxima.

Depois do rompimento, um rompimento tão abrupto quão inexplicavel, não a vira mais. Obscurecera o affecto sem jubilos no coração, fazendo-o ahi jazer como uma brasa sob cinzas.

Só a Theotonio Alves, amigo e chefe da casa em que trabalhava, uma empreza de terrenos da rua dos Ourives, desfiava, alguma vez, o rosario das suas tristezas inconsoladas. Theotonio ouvia-lhe as queixas e lamurias, philosophava sobre a inconstancia das mulheres, a precaridade das affeições terrenas e não deixava de confessar o pasmo com que via uma paixão que dir-se-ia de toda a vida, morrer tão subitamente... num coração de mulher.

— Não a viste mais? indagava Theotonio Alves. E antes de qualquer resposta do outro, como lenitivo:

— Amanhã estarás curado. São feridas que saram. E o melhor remedio para uma paixão que se vae é uma nova paixão que apparece.

— Talvez, murmurava João Gualberto. E banalmente: Não se olvida com facilidade aquella a quem deveras se amou...

— Afinal, dizia Theotonio Alves, pondo termo á conversa, são assim mesmo as mulheres... e o amor.

E mudavam de assumpto.

—

Passado quasi um anno, certo dia, disseram-lhe que uma creatura que visitava Theotonio Alves, ao anoitecer quando só elle e o continuo permaneciam no escriptorio, era parecida com Danuzia Thereza.

Não foi isso uma punhalada no seu exulcerado coração. Motivo de suspeitas. Nem podia ser. Theotonio Alves era um amigo de velhos annos e uma pessoa exquisita, de natureza retrahida e rispida. Cincoentão. Austero. No escriptorio só se abrindo com elle. Duvidar ahi seria villania. Por isso o que ouviu, tanto mais que agora nada o prendia á mulher que amára, desfez-se rapido no esquecimento.

Mas dias depois tilinta o telephone. Attende. Surpreza. Era uma voz que elle conhecia. Voz que o envolvera já de filtros deleitosos. Quiz dizer qualquer tolice. Um gracejo. A voz, porém, somente queria saber se Theotonio Alves estava. Elle respondeu negativamente. Então, a voz esfiapou-se longe.

—

A vida continuou. Transcorreram mezes. A paixão vivia na alma de João Gualberto na revivescencia das horas lúcidas, na gloria esvanecida de outros tempos. Apenas pungia menos. Perpetuava-se na saudade. Uma saudade que não se obscurecia nem amainava.

Porque aquillo, de alguma forma o entristecesse, tornando presente a imagem da amada infiel, João Gualberto recordou o amor de Laura Cortes, uma cearense branca e esgalga, e voltou-se para a resurreição da sua paixão carinhosa. Foi uma vida que dealbou com ridencias de primavera. Embebeu-se nella, viveu della, entre confidencias e affagos. Mas no esplendor dos dias azues, de vez em quando, vinha a nuvem de uma lembrança, a recordação mais viva de Danuzia Thereza. Não a esqueceria nunca. Nunca.

—

Uma tarde, alguem o chama ao telephone.

— E' João Gualberto?

— Sim.

— O senhor poderá me dar uma palavra?

— Sim. Posso dar.

— Sabe quem está falando aqui? Danuzia Thereza.

— Como a sua voz está mudada!

— A voz só, não. Toda mudada. Outra.

— Estarei amanhã, ás 4 horas, na Lallet. Preciso falar-lhe. Sim?

Elle disse um sim que era metade amargura e metade espanto. O que desejava dizer-lhe Danuzia Thereza? E porque aquelle tratamento cerimonioso de senhor substituindo o tu amoroso dos dias contentes? Fez mil conjecturas. Pensou em coisas tragicas e em coisas pueris. Se devia ou não ir. E a noite que veio passou-a em vigilia sob o tumulto de pensamentos em bubuia.

A' hora marcada, quando ella chegou, já elle lá estava, á esquina da rua da Carioca. Teve uma impressão melancolica. Como estava mudada Danuzia Thereza! Toda de negro, mais flexivel do que dantes, os verdes olhos pallidos, tristonhos, as feições sem a alegria matutinal de outr'ora.

Ella estirou languidamente as mãos frias que encontraram as mãos tremulas delle.

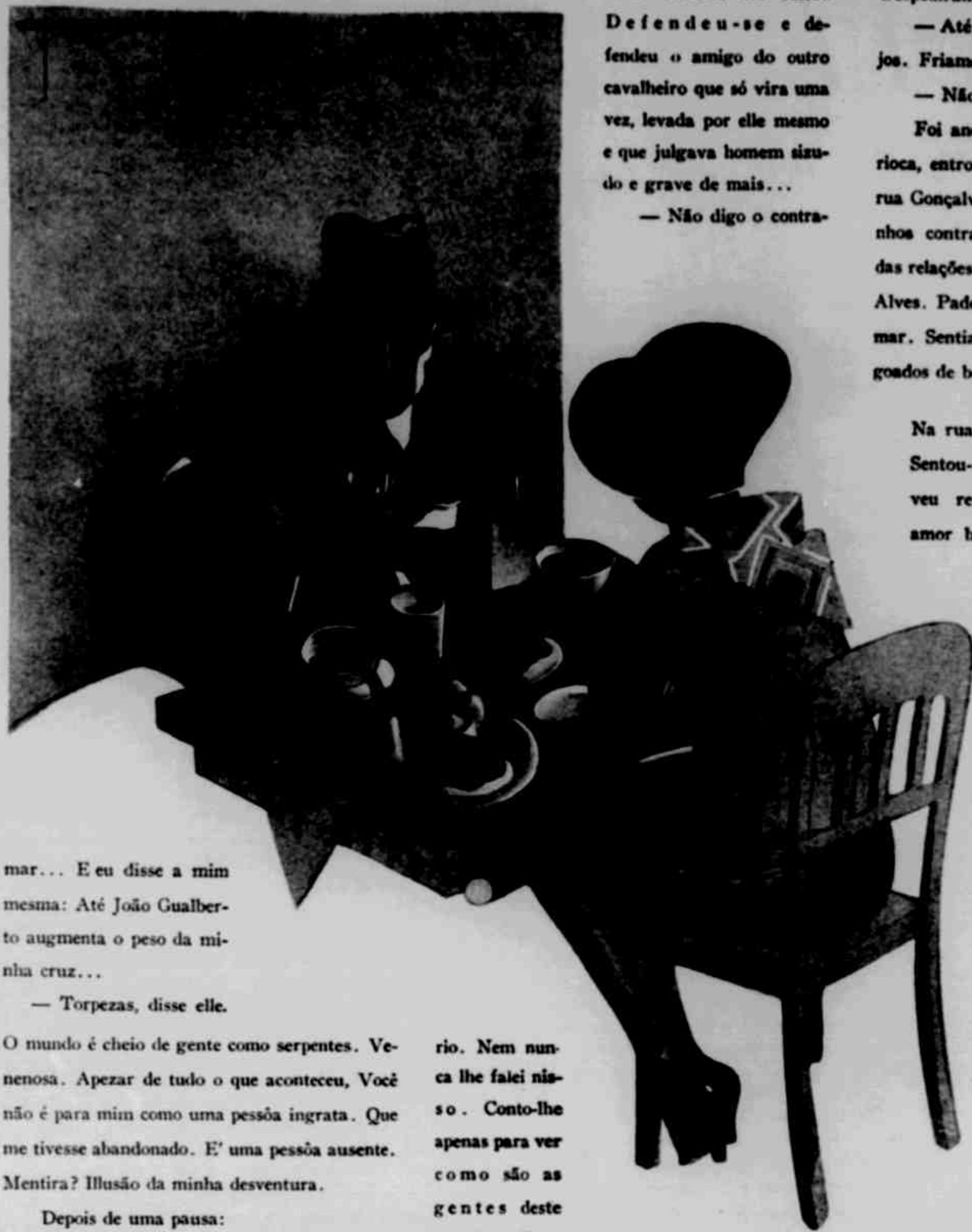
Entraram na Lallet. Num canto da casa de chá, indifferentes, deante das duas chavenas vasias, conversaram. Vinha de fóra um rumor de autos e vozes intraduziveis. O motivo do encontro era banal. Conversaram. Palavra puxa palavra. Recordações. Minucias da vida que ella levava. Recriminações. Desgostos. Ella contou que soubera que João Gualberto dizia horrores della. Infamava-a.

(Elle riu por dentro quando ella disse que elle a infamava.)

— Você acreditou?

— Quem sabe lá? E querendo revelar uma dor que o proprio coração ignorava:

— Sou tão infeliz que achei que para maior desgraça minha até o senhor me devia infa-

mar... E eu disse a mim mesma: Até João Gualberto augmenta o peso da minha cruz...

— Torpezas, disse elle. O mundo é cheio de gente como serpentes. Venenosa. Apezar de tudo o que aconteceu, Você não é para mim como uma pessôa ingrata. Que me tivesse abandonado. E' uma pessôa ausente. Mentira? Illusão da minha desventura.

Depois de uma pausa:

— E para que malsinal-a ou revelar ao mundo o tempo que durou a existencia do melhor sonho?

Displicentemente poz a bebida côr de ambar nas chavenas que tinham frisos de ouro. Dellas subiu um vapor tépido e aromal. Trincou uma torrada.

— Não se acredita em tudo que se ouve, continuou João Gualberto. E contou, naturalmente, sem idéa preconcebida, o que ouvira della com Theotonio Alves e a voz que o chamara, a elle Theotonio Alves, egual a voz della.

Danuzia Thereza teve um repentino espanto no verde triste dos olhos.. Defendeu-se e defendeu o amigo do outro cavalheiro que só vira uma vez, levada por elle mesmo e que julgava homem sizudo e grave de mais...

— Não digo o contrario. Nem nunca lhe falei nisso. Conto-lhe apenas para ver como são as gentes deste mundo. E a uma pergunta irreflectida de Danuzia Thereza, a uma phrase que ella disse sem querer, elle chegou, abruptamente, á certeza dolorosissima de que ella falava a Theotonio Alves.

Fez que nada percebeu e continuou conversando. Mas já na alma delle sangrava uma dor enorme. Havia uma ferida aberta. Conversaram ainda um pouco.

Despediram-se. E na rua:

— Até quando? aventurou elle sem desejos. Friamente. Ella deu de hombros:

— Não sei.

Foi andando. Atravessou o Largo da Carioca, entrou na rua São José. Elle ganhou a rua Gonçalves Dias. Seguiram ainda por caminhos contrarios.. João Gualberto ia convicto das relações de Danuzia Thereza com Theotonio Alves. Padecia porque nunca deixara de a estimar. Sentia ainda por ella uns resquicios magoados de bem-querer.

—

Na rua Gonçalves Dias entrou num café. Sentou-se a uma mesa. E num instante, viveu retrospectivamente a existencia do amor breve e traiçoeiro: o conhecimento mysterioso de Danuzia Thereza, o primeiro encontro, os protestos de um amor de toda a vida que ella lhe fazia, os mezes que viveram de sonho e exaltação, o subito rompimento della naquelle Carnaval em que se cantava nas ruas:

Pinião, pinião, pinião...

e a ausencia longa e erma até aquelles agros instantes que vinha de padecer. Enguliu o café, pagou e sahiu.

Uma semana inteira soffreu cruamente. Penosamente. Durante esse tempo repudiou Theotonio Alves para a vida inteira e repudiou Danuzia Thereza. Achou-os indignos e torpes. Hediondos. Vis. Envolveu-os no mesmo odio, na mesma ira surda. E até no mesmo desprezo, depois.

A recordação dos dois trazia-lhe á alma uma profunda repugnancia, um asco enorme, como se Danuzia Thereza e Theotonio Alves tivessem commettido uma traição ignobil, um desses crimes que se não perdoam nunca.

UMA FIGUEIRA DA INDIA —

UM CARREGAMENTO DE LARANJAS

MINAS GERAES

Miss Brasil

Eu só quero ver a admiração da gente americana quando chegar "Miss Brasil".

Já estou até imaginando o cortejo de Galveston:

A praia cheia. O Balneario cheio. Tudo cheio de gente.

O senhor Walker (por hypothese o organisador chama-se Walker), de sapato marron e branco, meias de xadrez, roupa de xadrez e "bonnet" de xadrez, olha e sorri.

Apalpa os bolsos cheios, olha pro hotel enorme que elle tem ali na praia, (isso é na certa) e sorri novamente.

O seu secretario, risonho e bem penteado, pisca os olhos espertos.

A primeira parte do plano está prompta. E' a parte do "venha o dinheiro".

Muito bem.

Agora, como mister Walker já juntou mais alguns milhares de dollares, vamos fazer o resto. E muito direito.

Como todo americano que se presa, mister Walker nunca enganou nenhum freguez.

Começa o desfile.

Na frente vêm dez ou doze guardas de motocycleta. Aquillo vem pipocando que é uma belleza. A farda azul com aquellas placas douradas, põe pontos de admiração na cabeça dos sul-americanos...

Depois, o "Lincoln" de mister Walker com o prefeito.

Depois, o secretario de mister Walker, com outros cidadãos importantes. Este é o carro apperitivo. Pra augmentar o appetite. Porque os outros cidadãos importantes são todos de cara feia, sarapintada de bexiga.

Ahi começam os carros das pequenas.

Cada Estado americano, por esperteza, manda a sua "girl".

A primeira é Miss Massachussets.

O povo que estava com os olhos acostumados na feiura bexiguenta dos cidadãos importantes, vê aquillo e acha um assombro.

E' como quem fica tres minutos num quarto escuro e abre a luz...

Atraz vem Miss Carolina do Sul, Miss Arkansas, Miss Texas, Miss Georgia, Miss Charleston, Miss isso, Miss aquillo.

São todas creaturinhas interessantissimas. Typo de heroina de fita de cinema. Aquillo mesmo.

Em seguida, mais dois guardas numa motocycleta com "side-car" envidraçado.

E Miss Europa. O povo, quando sabe que é Miss Europa que vem, espera uma coisa boasinha. Assim digna do segundo ou terceiro logar... Atraz, já se vê, de Miss America, que é infinitamente mais bonita... A hungara passa, e o povo sorri satisfeito...

Atraz, lá no fim, o povo sabe que vem uma Miss Brasil.

— Miss o que?

— Miss Brasil, homem.

— Ahn!...

A tropa toda põe na bocca um sorrizinho de mofa. E vae dispersando.

Miss Brasil chega. Um "oh!" escandalisado rompe no ar.

Aquella belleza de verdade põe pontos de interrogação na cabeça dos Yankees...

Os sub-americanos gozam. Riem por cima. Estão plenamente vingados das fardas azues com placas douradas...

Oh! triumpho gostoso...

Os americanos estão fulos de raiva.

E um vermelhão que está no meu lado, começa a fazer o elogio dos Estados Unidos:

— Isto é que é terra. Temos a maior fabrica de automoveis do mundo; o melhor aviador do mundo; a cidade mais bonita do mundo (eu já estou me aborrecendo com este sujeito...), e agora vamos ter a mulher mais bonita do mundo...

— Hein? A mulher mais bonita do mundo? Pois sim.

O americano de vermelho passou a roxo.

Eu virei as costas. Nunca o meu nacionalismo tinha sido tão bem applicado.

Pois é. Patrioticamente virei as costas e vim pro hotel onde estava hospedado. Pro hotel desse intelligentissimo e feliz mister Walker...

Dante Angyone Costa.

Senhorita Yvonne de Freitas, Miss São Paulo, em visita á nossa redacção. Com ella, os nossos companheiros Antonio A. de Souza e Silva, Alba de Mello e Barros Vidal.

Miss Parahyba, senhorita Elmar Pinto Pessoa, em nossa redacção, com Alba de Mello e J. Fabrino, presidente da Sociedade Anonyma "O Malho"

Senhorita Didi Caillet, Miss Paraná, com sua Mãe, o escriptor Albertus de Carvalho, os senhores Soria e Boffoni, á porta da Livraria Odéon, cujos proprietarios lhe offertaram um exemplar da "Divina Comedia"

SOCIEDADE

Sergio da Rocha Miranda, o "gentleman" encantador, o homem de bom coração que toda a sociedade quer e admira, está organizando uma grande festa de caridade, em beneficio do Hospital da Pró-Matre, essa casa modelar que tem como directora a illustre Sra. Fernando Guerra Duval. Toda a gente ainda se lembra do esplendido triumpho que teve no Municipal a "Féerie Merveilleuse", em Novembro de 1927, em beneficio do mesmo Hospital.

Pois bem. Sergio da Rocha Miranda está resolvido a repetir a proeza.

Para patrocinar o notavel acontecimento talvez o maior da proxima estação, elle convidou as Sras. Antonio Prado Junior, H. Santos Lobo, André Betim Paes Leme, Armenio da Rocha Miranda, Alberto de Faria Filho, Ildefonso da Rocha Miranda, Plinio Uchôa, Marcos de Mendonça, Paulo Bethencourt, Fernando Guerra Duval e Renato da Rocha Miranda. Começam assim, as "demarches" para a realização do grande espectaculo, que será no mesmo genero do de "Féerie".

Como em 1927, as maiores novidades dos theatros europeus serão apresentadas em quadros de grande luxo e esplendor.

Assim ouviremos pela primeira vez, no Rio, os principaes ares musicaes de 'Show Boat", a famosa opereta americana, cantada por Gilda Abreu, que foi sem duvida uma das causas de successo da "Féerie", Lásinha Luis Carlos e Sergio da Rocha Miranda.

Todos os interpretes da "Féerie" serão convidados a tomar parte na representação de "Pour vous plaire...", que é o titulo provisorio da revista.

Iremos revêr desse modo, nas scenas maravilhosas de "Pour vous plaire..." as Stas. Maria Elisa e Beatriz Dutra, Gilda Abreu, Lina Esquerdo, Lydia Motta, Julia Pereira de Souza, Ciçone Portocarrero, Alda de Paula, Cecilia Betim Paes Leme, Gilda Bandeira, Laurita Castro, Lolita Mora y Araujo, Laïs de Albuquerque, Marianna Roxo, Maria Alice Costa, etc. Gilda da Rocha Miranda e Bella Betim Paes Lemos não tomam parte no espectaculo por se acharem no Velho Mundo. Que saudade todos têm da "Eterna Historia" e de "Ma Loulou", em que as duas foram simplesmente admiraveis!

Sergio da Rocha Miranda, o organisador do Espectaculo da Pró-Matre.

(Photo Lorette)

Veremos tambem nos "sketches" a arte e elegancia da Sra. Eugenia Alvaro Moreyra. A "exquise" Senhora Theodor Xanthaky será convidada para duas lindas scenas. Gilberto Trompowsky, que deslumbrou o Municipal com os scenarios da "Féerie, fará figurinos notaveis. Os Srs. Marcello Castello Branco, Jack Sampaio e João Augusto Penido serão os directores de scena.

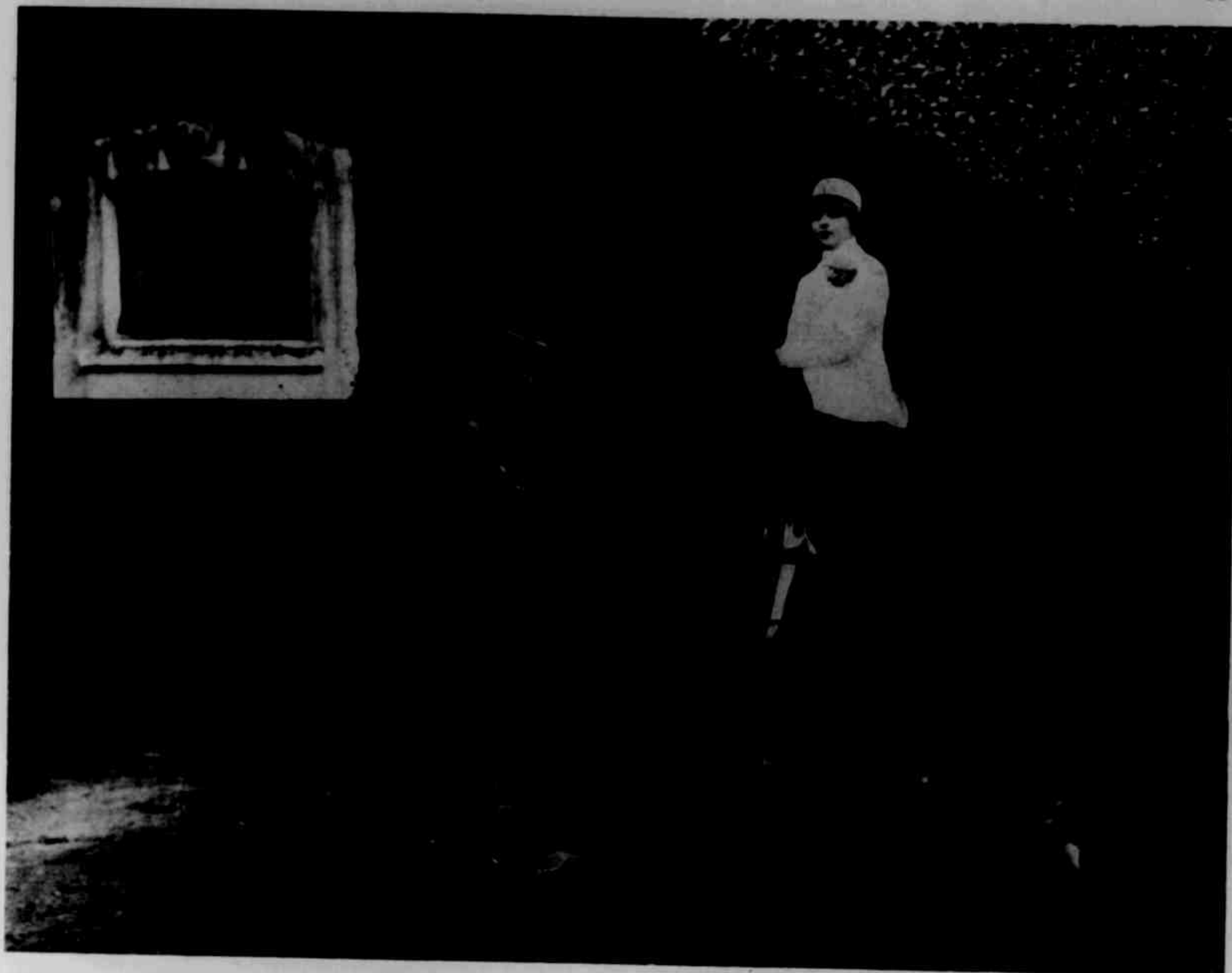
Naruna Corder e Klára Korte marcarão os bailados, concorrendo tambem com as suas disciplinadas escolas de dansa.

Aos já citados interpretes virão se juntar os nomes das Stas: Celina Portocarrero, Lásinha Luis Carlos, Lia Souza e Silva e muitos outros.

Dentro em pouco começarão os ensaios, que resultam sempre em reuniões elegantissimas. Já no proximo dia 5 de Maio, a mui distincta Sra. Plinio Uchôa receberá, á tarde, em sua residencia, a commissão de senhoras e os interpretes para a distribuição de papeis.

"Pour vous plaire..." será um triumpho.

E, para que isso se affirme, não é o bastante dizer, que esse grande emprehendimento tem á frente uma commissão brilhantissima e o nome querido de Sergio da Rocha Miranda?

VICTOR VICTORINO

São Paulo

Na Sociedade Hippica durante a festa em beneficio da Santa Casa: em cima, senhora Yolanda da Silva Telles; á esquerda, em baixo, senhor Guilherme Prates, 1º premio de polo; á direita, senhoras Marietta Alves Lima e Yolanda da Silva Telles; ao centro, senhora Prado Uchôa, detentora da Taça Dona Olivia Guedes Penteado.

Yvonne Daumerie e suas discipulas no recital que deram em São Paulo, no salão do Conservatorio. Em baixo, o auditorio.

MISS BRASIL

O supplicio dos esthetas

DESENHO
DE
URBANO

Ballada Amarga

Tu vaes beber a estrella clara no cópo.
A amargura é o teu novo Padre Nosso.
Bar ingenuo com balcão de zinco,
Lourdes, Marietta, criaturas sem destino, olá!
mais uma canna! Engulo a vida no cópo.
O amor dilu'e o amor dilu'e meu coração:
depois do amor o que será?

Vamos na rua sem destino, vou, vaes.
Vê — a sombra nos persegue, Theo.
A lua antiga, fria fria, banha a rua.
Zona branca do luar, me leva ao céo.
Serenata violão — quem vem lá?
Sonho morto luz gelada, lua,
depois do mundo o que será?

Sentido: as casas mudas se perfilam.
Dança o meu craneo, estuario profundo.
No azul redondo estrellinhas cochilam.
Teu coração é o grande pendulo siderio,
tic tac, era uma vez o mundo.
Canta a mesma besteira — tra lá lá,
empina o vinho venenoso do mysterio:
depois da morte o que será?

AUGUSTO MEYER.

UM SOBRESALTO APENAS...

Sim, havia um quarto de vestir, e havia outro, e muitas janellas, dizendo todas para o mar... E depois? que havia mais?... Lembram-me ainda um espelho, uma cadeira e uma mesinha. Entrevejo o espelho porque recordo a emoção de vel-a repetida, mal entrava, no crystal e nos meus braços; contemplo ainda a cadeira porque lhe reclina no espaldar, numa graça frouxa de nuvem, o vestido de uma só manga, com as fitas do pulso a escorrerem no pavimento. E se tambem não se perdeu a lembrança da mesinha, é que estamos aqui os dois na ceia do fim do encontro, e ella me offerece um bago de uva entre os dentes, e o meu copo parou no ar, e já me deslisa dos dedos, porque eu todo sou um gesto que se desfez num enlevo.

E' de presumir que os moveis de uma e outra divisão, os tapetes, os lustres, as cortinas e o mais, se engolphassem pelos meus olhos, sem que no emtanto imagem alguma firmasse pendão na memoria, affundindo-se todas nas profundesas do ignorado, como joias que se lançam no pélago e só por milagre as ondas rejeitam na praia. E como guardar um vislumbre destas coisas que se deslaçaram, se nas horas que então ali arderam os meus sentidos reagiam apenas á influencia radiosa de Albertina? Hoje acredito que o mar lá fóra estivesse a rebentar seus clamores na ponta das espadanas, que as nuvens da tarde vaporizassem seus coloridos de encontro ás vidraças, e os perfumes se desprendessem da terra. Mas eu escutava Albertina, respirava o cheiro de seus cabellos curtos, e não via nem sentia nada que fosse estranho ao gosto das formas e dos tons daquella creatura. O mundo exterior existia para mim porque ella existia como sua expressão unica e absoluta. Isto diz tudo, de tão certo que era viver-lhe a figura no meu cerebro e coração uma existencia de arvore muito grande e solitaria a bracejar e florir entre dois desertos. Fóra dahi, nenhum esfervilhar de cellula: a quietação, a apathia, o vasio.

Desse modo todos adivinham que ternura extra-terrestre não era a minha quando, já no cerrar da tarde, esfumados todos os contornos, menos os do seu corpo, animado da vida luminosa das coisas brancas, assim lhe falei:

— Tu és a belleza, Albertina, e és o meu sonho e a minha illusão. Deu-me de mais o destino, dando-me a ti, porque sinto a mocidade que me fugia deter-se enleada na grinalda dos teus abraços. Mil vezes que me venhas vêr, mil vezes trarás o contentamento subito das felicidades que cahem do céo. Tu me inebrias e suffocas, e me condensas a vida ao extremo de lhe infundir o anseio voraginoso da morte.

Minhas palavras, que talvez não fossem bem essas, porque a escripta parece lhes dar agora um ar ficticio, affagavam-lhe a vaidade exhalando-se como se exhalavam do coração, e envolvendo-a toda das rescendencias de uma amphora partida. Ella não alcançava a significação dolorosa e cava daquellas confissões que eram reconhecimentos sobrehumanos, de modo que as acceitava como um carinho que a lisongeasse, á flor da pelle. Quando calei Albertina retratou a sua impressão de tudo com um sorriso superficial de asa de gaivota, riscando os espelhos de um mar sem raias:

— Se me queres tanto como dizes é porque eu sou uma gracinha!...

Roia-me os nervos aquella vulgaridade de entendimento, aquella falta de intuição do inexscrutavel do meu amor, pelo que acabei arrastando-a ás bordas do abysmo onde se estorcia a minha paixão silenciosa de tumultos, e forçando-a a espiar na treva. E então continuei.

— Salteia-me ás vezes Albertina, a idéa de que eu possa um dia morrer aqui onde estamos. Quando penso nisto imagino-te apavorisada a derivar-me dos braços, vendo attonita minhas palpebras immoveis na retenção dos olhos vidredos, e a bocca tetanisada na mimica do ultimo beijo. Figuro até o tremor das tuas mãos a me erguerem um vão a cabeça, e sentindo-a recahir, pesada dos sonhos mortos. Como não seria tragica a tua hesitação dentro dos relampagos das idéas doidas: a tua filhinha, a policia, os jornaes, as photographias! Depois, terias medo de gritar, terias medo de abrir a porta e de fugir, medo do teu proprio vestido, gottejante ainda da caricia das minhas mãos, medo maior das minhas mãos inertes, e pavor do meu cadaver, pavor de mim que entraria na morte por uma explosão da vida!

Albertina escutava-me branca e de olhos pávidos. Sacudiu-me os pulsos num impeto de desespero e, como eu sorrisse deliciado de placidez, amaciou-se por alguns momentos, respirou pensativa, e preveniu meneando a cabeça:

— Não brinques mais com essas idéas que me deixas nervosa!

— Mas por que eu te quero tanto, Albertina? Dizes, por que?...

— Tambem eu te quero muito, muito mesmo... — respondeu desalheiada já, como se estivesse intrigada de notar que se ia chumbando no seu espirito a suggestão daquelles pensamentos de morte. Disfarçava, procurava distrahir-se, indo e vindo de um para outro lado, penetrada porém cada vez mais, e sem saber porque, das visões que eu suscitara.

— Aquieta-te, minha brancura, aquieta-te que eu não vou morrer hoje...

Ella teve uma contracção involuntaria de riso secco, e foi arrumar o vestido. Pediu-me o pente de bolsa, o tubo de carmim, a caixinha de pó, e entregou-me aos preparativos de sempre, aos preparativos que tinham para mim a poesia esfarpada desses adeuses de amantes atormentados, desse adeuses que remexem todas as duvidas porque encerram as promessas do até amanhã e os presentimentos do nunca mais.

Sahimos. Um taxi, o lamento das vagas; e o ar frio da noite a chicotear-nos. Rodamos e rodamos. Depois o carro parou a uma quadra do centro illuminado da cidade. Ella desceu. Desceram tambem meus olhos. Atravessou uma praça e sumiu-se pelas calçadas fulgurantes de electricidade, graciosa como uma perola que se extravia e salta num chão de luz, vista de todos, mas rola e se esconde, e ninguem mais a descobre.

No dia seguinte estava eu interdicto no

encruzamento de duas ruas movimentadas quando alguem appareceu para se queixar do calor, apontar-me um automovel azul, amontoado á frente de outros, e observar:

— Repara como é bonita a machina do amante de Albertina!

Senti que ia baquear; mas, tive tempo de repuxar a vontade, dilatando os pulmões com grandes haustos, gesticulando sem causa, sorrindo sem motivo, para dizer brincando, ou antes para esconder brincando minha pallidez de vertigem: —

— Machina?... Ora machina!... Deixate de novidades... Melhor é que fales como todo o mundo, dizendo simplesmente: repara como é bonito o automovel do amante de Albertina!

Elle deu de hombros e foi andando. Fiquei no refugio a olhar estupidamente o inspector de vehiculo que me fazia signal para cruzar, a ouvir as resonancias da minha propria voz e a repetir, como um echo a do outro: "Repara como é bonita a machina do amante de Albertina!" O carro já ia longe e eu não me movia, amarrado no mesmo logar, tolhido de todos os membros, e sentindo-o crescer sobre mim como um desses automoveis que se projectam nas télas do cinema e por artificio das perspectivas que se desdobram assustadoras, vem avultando com a distancia que se encurta, e se agigantam, sempre no mesmo plano, dentro do mesmo enquadramento de luz, mas aterrando a assistencia, que se encolhe por instincto, como se elles fossem esmagal-a.

Não, que aquillo era uma infamia, gemia eu abafando a voz e molhando os dedos no suor da fronte. Tinha de ser uma infamia porque Albertina era a belleza, e era o meu sonho, e a minha illusão.

Procurava esquecer. E esquecia de facto hoje, amanhã; mas lá me surgia de repente um automovel comprido e azul, entumecendo-me o coração, para onde refluia então todo o sangue da vida, o sangue que se ia recolher nas suas paredes elasticas, aspirado com impulsos de morte, como se a natureza o recalcasse de generosa para não vel-o espirrar-me das veias, borrifando os esmaltes da carruagem que passava. Dali a pouco, com que facilidade, renutrindo esperanças que se desfloriam, me ancorava outra vez á idéa de que tudo era uma murmuração indigna, uma dessas torpezas fabricadas pela maldade do mundo! Pois em breve, depois de duas semanas de saudades, não iriamos nos rever?

— Quinze dias! Por que tardaste tanto?

— E' assim mesmo... Os homens, elles se enfastiam tão depressa! Não quero que te fartes de mim vendo-me sempre que te vier á fantasia..

E ageitando a golla do vestido, abotoando e desabotoando a presilha dos pulsos, para chamar-me a attenção dos seus trapos, que eram novos, sorria com fingimentos de incredulidade:

— Qual! Aposto que as saudades não eram muitas... Tu exaggeras... Olha bem para mim... Quero ler a mentira nesses olhos...

Apertava-lhe as mãos sem dizer nada e as minhas pupillas iam passear agonisantes pelo seu rosto, e se agarravam á perola graúda de seus brincos num entorpecimento de hypnose. Ella então passava a mão por detrás da nuca, pedindo-me a direita, afundando-a nos seios e deixando-me descançar o braço na suavidade de seus hombros. Estavamos assim, e o taxi fugia, quando a senti agitada de um fremito de espavento que a retrahiu para o canto das almofadas. Olhei de esconso os automoveis que passavam e vi o azular dos esmaltes do outro. Como a sua velocidade ia apertada de um ponto sobre a que levavamos, tive a impressão de que elle andava bem lento para melhor ser visto. A turvação de Albertina durou um relampago. Mas num relampago se vê tudo. Era apenas um automovel de igual marca e modelo. Foi apenas um sobresalto... Não tendo, sequer vagamente, presentido que eu lhe interpretasse o estremecimento, e duvidosa até de que o houvesse percebido, disse pelo praser de exercitar dissimulações:

— Tenho medo que nos descubram. Cada automovel que passa desse lado me dá um arrepio...

E dali por diante, até o fim do caminho, não se descuidava de simular um tremor brusco a cada automovel que deslisava mais rente ao nosso; e a cada novo e falsificado atricto de seu corpo se iam esfolando todos os matizes da minha illusão. A certa altura, olhando-a fixo, observei com assustada, piedade:

— Albertina, sinto que não me queres mais...

— Bem se vê que não conheces as mulheres! Pois se eu não te quizesse mais estaria aqui comtigo, e ainda por cima expondo-me a ser vista?

Tive ansias de lhe arrancar a mascra do rosto de anjo, de lhe rasgar o vestido novo cuspindo-lhe todas as revoltas que me azedavam a bocca. Mas, e depois? Que seria da minha vida distante do calor de suas mãos, e ennoitecida da ausencia do seu sorriso, quando ella, como todas as mulheres que eu não conhecia, me respondesse ao fim de tudo:

— Pois si eu sou como dizes, tu, que tens tanto caracter, por que não me deixas? Olha que eu nunca te prendi, nem te prendo! Ao contrario...

Não. Melhor calar. Retirei o braço das espaduas macias com a dor de quem descola uma ferida que seccou, e accendi um cigarro, affectando naturalidade. Mas os meus pensamentos envolviam o automovel perdido, como uma nuvem de poeira que o perseguisse n'uma estrada deserta. Via Albertina ao lado da roda de direcção, dando voltas pela Tijuca em noites de luar; e imaginava o automovel parado pelos ermos da Gavea e no alto da Vista Chineza, e os dois bem unidos, contentes do refugio do toldo e do abrigo das cortinas, e descuriosos das estrellas e do mundo.

— Que tens hoje que estás tão recolhido?

— Nada. E' a emoção do fim do caminho, o antegosto dos teus abraços sem os sobresaltos dos automoveis que passam...

Aqui estão de novo o espelho, a cadeira e a mesinha. Mas Albertina não se repetiu ainda nos meus braços e no crystal, nem o seu vestido cae molle no espaldar da cadeira, nem lhe quer saltar dos dentes nenhum bago de uva. Tirou o chapéo, sacudiu os cabellos como uma borla de seda e, voltando-se para mim, á procura de um beijo estacou a dois passos, ferida do acerado dos meus olhos. Viu-me descorado, sentiu que me atravessava a garganta um novello de phrases tristes, indagou nervosa o que eu tinha, onde me doia. E supplicando-me que falasse a sua voz timbrava doçuras de quem vê uma creança que está esmorecendo, e não tem um queixume.

— Não sei te explicar, Albertina. E' uma angustia grande como o presentimento de te perder a que eu sinto! Vamos voltar, que é preciso... Perdôa, sim? Vamos voltar...

Olhou-me com tanta piedade, e duas lagrimas lhe estrellaram o rosto de uma tal belleza de seará ao cahir da chuva, que me excitou o desejo de perdoar e esquecer tudo. Mas já era tarde. Diante do espelho, vestindo apressadamente o chapéo que deixara sobre a mesinha, e enxugando os olhos, Albertina murmurava com profundezas de vidente:

— Conheço-te como ninguem! Não ha pensamento que possas me occultar, nem impressão tua que eu não adivinhe.

Depois, prompta para partir, e muito mysteriosa:

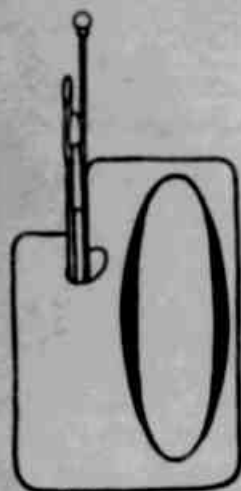
— Tinhas razão outro dia... Por que é mesmo que me queres tanto? Olha, mal me convidaste a voltar comprehendi que tinhas medo de morrer hoje...

E já no corredor, abraçando-me reconhecida e sincera:

— Foi melhor assim... Imagina si morresse ali! A minha filha... A policia... Os jornaes... As photographias!...

HORACIO CARTIER ESCREVEU
ROBERTO RODRIGUES ILLUSTROU

A HORA DA CONFISSÃO

TRISTE SINA

O meu primeiro desenho? Não me recordo. Talvez fosse o elephante que ninguem adivinhou. Não fui uma criança prodigio. Lembro-me que apostava um tostão com outros garotos para ver quem desenhava melhor. Sempre perdia...

Gostava de fazer rabiscos, creando um novo typo de submarino ou canhão cujo mecanismo só eu entendia. Depois tive vontade de crescer para fazer a indepen dencia de um paiz qualquer.

Do Canadá por exemplo.

∴ A minha arte é sincera. Sou eu mesmo. Não tenho a preoccupação de fazer blague, nem me interessam a grammatica artistica ou a cartilha social. Muita gente acha horrivel o que faço. Pode ser. Não fosse a vida a minha inspiradora... Em todo o caso sou moço, e é possivel que um dia encontre a belleza das coisas feias. Tanto é bello um idyllio romanesco como um crime barbaro.

Venus de Milo dá saudades das mulheres feias. Tudo depende do momento. A's vezes prefiro o necroterio, com as mães chorando, á Copacabana com as meninas bonitas e alegres. No resto, sou igual a qualquer mortal--tolero a vida por covardia.

∴ Creio que o artista moderno não pode ter a ingenuidade dos antigos.

Antigamente, dormia-se bem e comia-se melhor. O ar era mais puro e existia tranquilidade de espirito. Hoje o artista trabalha torturado pelo trepidar allucinante das machinas. Tem a maldade dos milhões de seres animalisados na luta pela vida.

∴ Quando eu era pequeno um senhor disse que o artista morria de fome. O castigo melhor é deixal-o viver. A propria arte se encarrega de matal-o, muito mais lenta e cruelmente. Não vês como a mãe tem pena do filho artista?

∴ Se encontrares um artista na rua tira o teu chapeu. O trabalho mais insignificante delle equivale á tua vida inteira de esforço mental.

ROBERTO RODRIGUES

Festa da Sociedade Rio Grandense, no Botafogo F. C. em honra de Bila Ortiz, Miss Rio Grande do Sul.

Festa do Centro Paranáense em honra de Didi Caillet, Miss Paraná

Festa do Club dos Bandeirantes ás eleitas de todos os Estados

Miss Amazonas

Miss Fluminense

Miss Rio Grande do Sul

Miss São Paulo

Apresentação das "misses" á commissão julgadora para a prova de eliminação. A senhorita Olga Bergamini de Sá não figura no grupo, nem as senhoritas Zulma Freyesleben, Miss Santa Catharina, e Elmar Pinto Pessoa, Miss Parahyba, que não tinham chegado ainda até o dia dessa prova.

Bila Ortiz

Em baixo, senhorita Jesuína Pimentel Marinho, Miss Minas Geraes, uma das representantes mais lindas.

Bem que eu torci por você, Bila Ortiz !

Fiquei sem voz.

Fiquei sem unhas.

Porque você para mim era mais do que a "moça formosa" que toda a gente estava vendo.

Você era a minha terra, a terra do Rio Grande do Sul.

Eu queria que você vencesse com o seu corpo de campo claro, a sua bocca de madrugada, os olhos bons, o cabello feito um vôo que parou no sol.

Mas veiu a Venus de Milo e atrapalhou tudo.

Uma senhora que falleceu ha tantos annos...

Então a Venus de Milo é mais bonita do que você, Bila Ortiz ?

Qual !

Caso perdido !

Eleição neste paiz não toma geito não...

SAMUEL TRISTÃO

ELLAS TODAS MENOS BILA ORTIZ

20 — IV — 1929

MISS MINAS GERAES

MISS RIO DE JANEIRO

DIDI CAILLET

MISS PARANA'

Chá a todas as "Misses"

Nos salões do Hotel Gloria

Miss Brasil

Olga Bergamini de Sá, Miss Rio de Janeiro; Zulma Freyesleben, Miss Santa Catharina, Nelly Menezes, Miss Sergipe, Glycia Serrano, Miss Espirito Santo.

Antes da escolha

Em baixo, visita das "misses" á Escola de Bellas Artes; na photographia do meio a Venus de Milo, cujas medidas foram utilisadas no concurso.

No salão do Fluminense, depois de lida a acta do julgamento e da entrega da facha de Miss Brasil á senhorita Olga Bergamini de Sá, Miss Rio de Janeiro.

A multidão que apinhava o estadio da rua Alvaro Chaves

Cem mil pessoas esperando, ansiosas, a decisão do jury

Miss Brasil com sua Familia

Terça-feira, 16 no Fluminense

Miss Brasil entre os deputados cariocas Machado Coelho e Adolpho Bergamini.

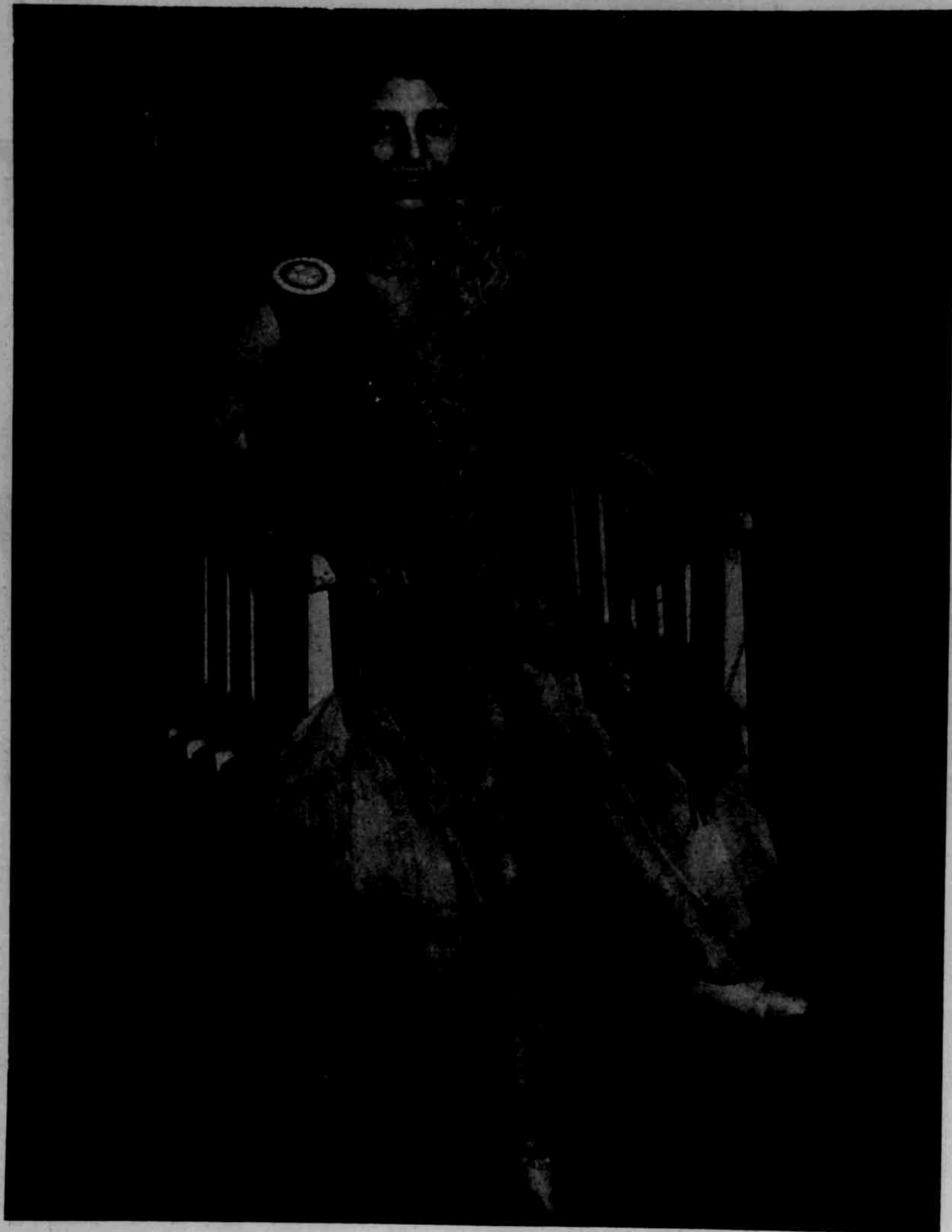
As misses em visita ao Radio Club do Brasil

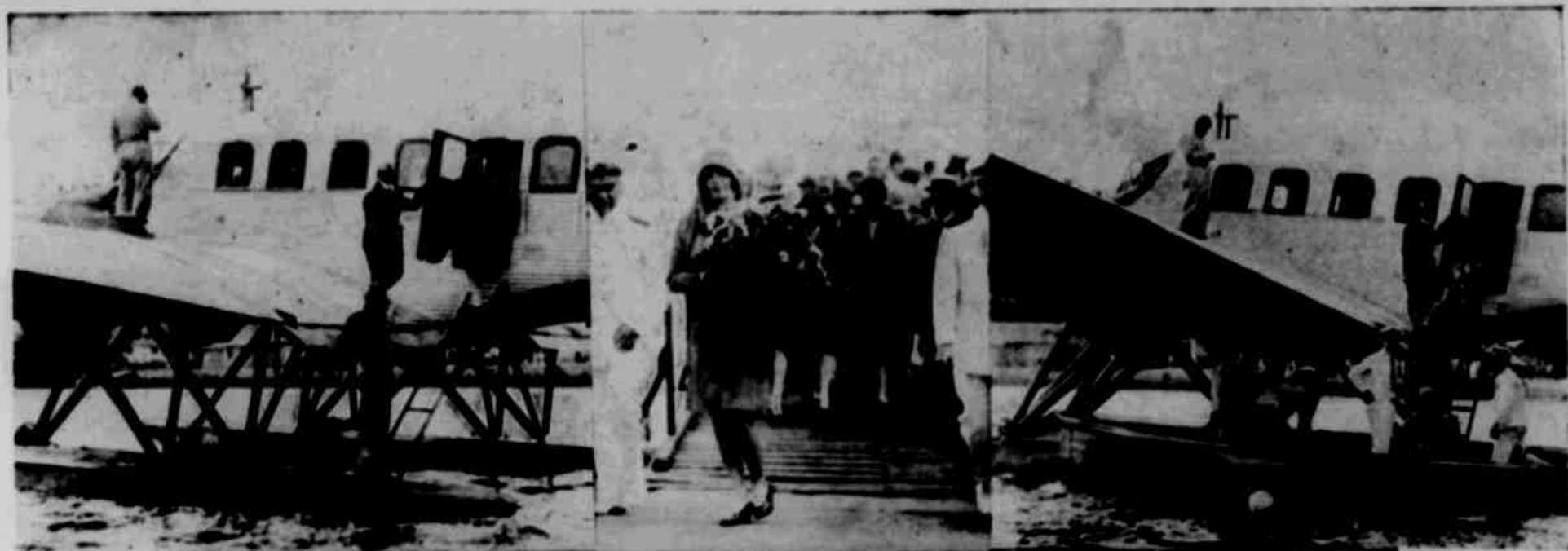
Dona Gaby Coelho Netto, Zita e Dina Coelho Netto no estadio do Fluminense.

Miss Minas Geraes na festa dos seus conterraneos

Olga Bergamini de Sá Miss Brasil

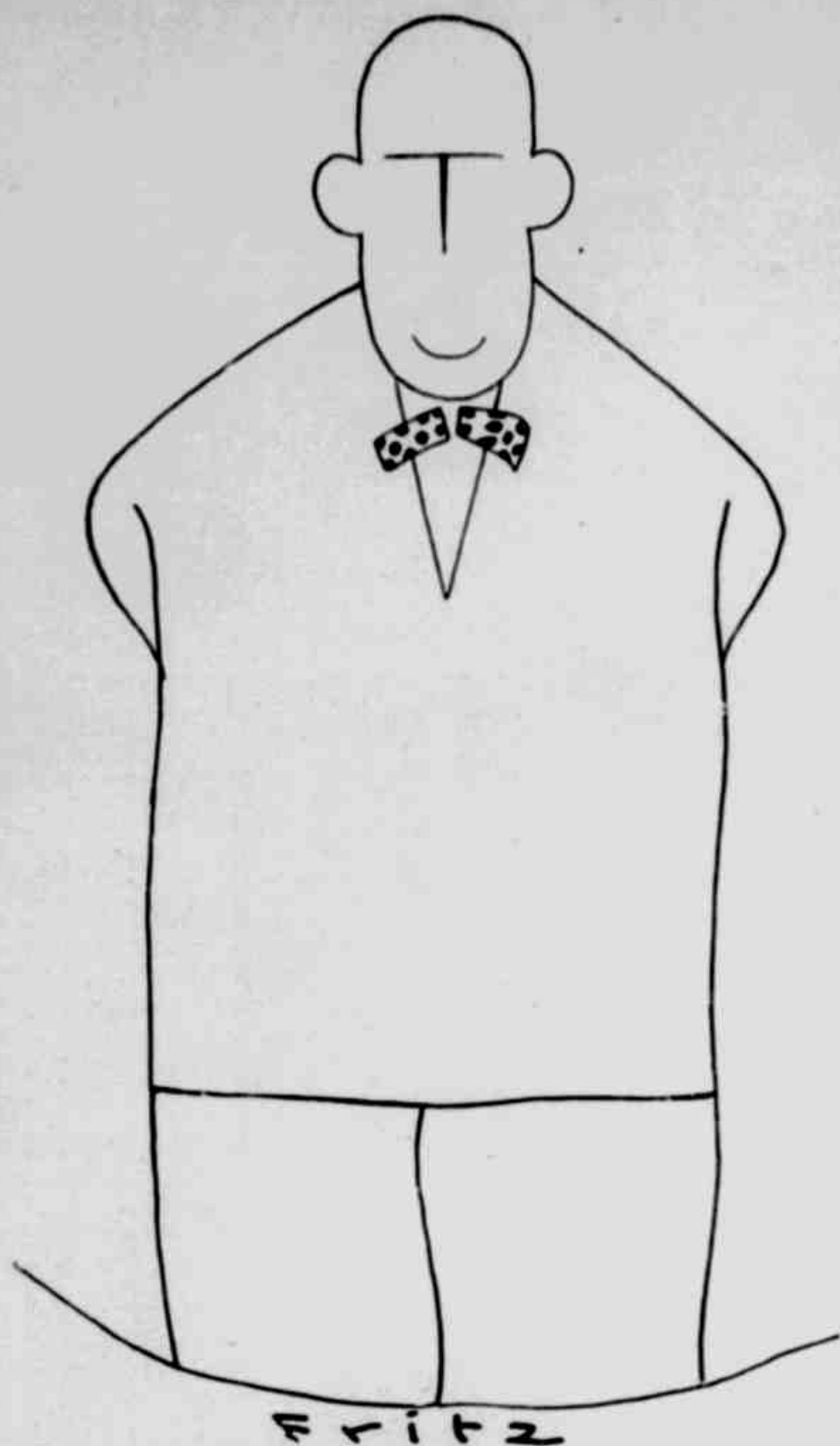
Segunda feira no Hotel de Londres

Recepção a Miss Minas Geraes

Senhorita Olga Bergamini de Sá

M I S S   B R A S I L

MISS SANTA CATHARINA

MISS MINAS GERAES

Chegada da senhorita Zulma Freyesleben, Miss Santa Catharina, que veiu em avião, de Florianopolis.

Festa á Miss Minas Geraes, senhorita Jesuina Pimentel Marinho, offerecida a bordo do couraçado "Minas Geraes".

O PREFEITO ANTONIO PRADO JUNIOR

(Caricatura de Fritz)

THEATRO

Já se encontra em aguas brasileiras a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. Vae a cidade ter a sua primeira temporada de comedia, de alta comedia deste anno. Nol-a proporcionará uma "troupe" de além-mar.

Amelia Rey Colaço, que aqui esteve nos ultimos mezes de 1927, é uma das figuras mais interessantes do theatro em lingua portugueza. Assim a consideram no paiz de que é filha, assim a vemos nós, depois da sua curta e brilhante estadia no Theatro Municipal. Alliada a Robles Monteiro, um artista de merito real, e rodeada de elementos a que não faltam recommendaveis predicados, tem conseguido manter em Portugal o gosto pelo bom theatro. Proseguindo nessa louvavel missão, transporta-se a terras brasileiras, onde, por certo, lhe não vae faltar publico, para uma honrosa e enthusiastica recepção.

O exito da temporada, a meu ver, está garantido. A cidade reverá com prazer, Amelia Rey Colaço, Robles Monteiro e a sua companhia. O repertorio é constituido de peças escolhidas, dos theatros portuguez e francez. Nossa platéa anseia justamente pelo bom theatro, o theatro que desertou dos nossos palcos, e de que Oduvaldo Vianna, em peças rapidas, nos deu, no começo do anno, no Trianon, fugidios aspectos. Os que affirmam que já não ha publico para a alta comedia, vão verificar quanto se enganam. Os espectaculos do Lyrico, a partir do dia 26, serão concorridissimos, tenho a certeza. E não se diga que tal acontecerá por causa da colonia portugueza, que é numerosa. Os assignantes, em sua grande maioria, são brasileiros. Ha publico para o theatro de tessitura elevada. O que nos falta é organisação, são figuras de prestigio que desejem se pôr á frente de um movimento dessa natureza.

Bemvindos sejam Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro. Vamos deixar de rir, para pensar um pouco, para sentir outras emoções, diversas e mais espirituaes do que as que nos prodigalisa o theatro ligeiro. E, talvez — quem sabe ? — a temporada portugueza ponha, de novo, em fóco a velha questão do theatro nacional... E póde muito bem ser que o senhor Prado Junior, que não ignora quão sem graça é a cidade do Rio de Janeiro á noite, resolva rehaver o Theatro Casino para nelle installar a companhia de comedia nacional com que o intellectualismo, ha longos annos, sonha, e que será a pedra basilar do theatro brasileiro.

Isso é aliás, ao que me informam, pensamento de S. S., não realisado, ainda, por se interporem difficuldades de ordem economica. Ainda assim, é de crêr que o emprehendedor e activo Prefeito cuide, muito breve, do assumpto, tanto mais que terá opportunidade de constatar, no Lyrico, o interesse da população pelo theatro na sua mais bella expressão, — a comedia e a alta comedia.

MARIO NUNES

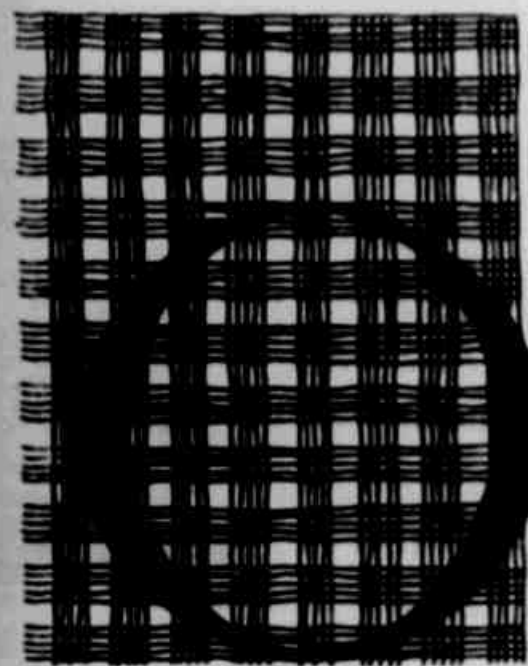
•

Esses dias, por causa do mais completo aviador brasileiro, a cidade ficou em pé de enthusiasmo. Agora, por causa da Miss Brasil todo o Rio de Janeiro anda no ar, excitado, contente, ruidoso. O mesmo tem acontecido em varios campeonatos de futeból. Imaginem só si a nossa população, que tanto poder de torcida tem nos nervos, quizesse de repente torcer pelo theatro ! Imaginem autores surgindo, interpretes se revelando, espectadores enchéndo as poltronas, as frisas, os camarotes, as galerias !... Ein ?...

Temporada Theatral deste anno

LUIZA SATANELLA
EM
VARINA D' AVEIRO
DA
REVISTA
" AGUA PE' "

ESTEVÃO
AMARANTE

O homem cujo coração não bate mais

De Barros Vidal

O reporter é o cavalleiro andante da Curiosidade. E' andando, passos a êsmo, cáes do porto em fóra, procuravamos um hollandez mysterioso que nos promettera revelações... A um e um percorremos os armazens em fila, á beira do cáes, sem que lograssemos descobril-o e já voltavamos, as garras do desanimo no espirito, as do cansaço nas pernas, quando nos surgiu um velho embarcadiço, o Manoel Bomfim, "cicerone" fiel em todas as nossas peregrinações.

— Que interesse tem o amigo em conversar com Ludovic?

— Ouvir-lhe a historia...

— Ora... a historia delle é um rosario de naufragios, de proezas communs e de aventuras banaes...

— Então?

— Coisa melhor possa contar-lhe do "Chico Malhado", o homem cujo coração não bate mais!...

— Impossivel!...

— Juro-lhe que é verdade!...

— Posso vêl-o?

— Só daqui ha dois mezes que é quando elle regressa...

—

No "bar", na mesinha mais escondida, lá ao fundo da sala ampla, Manoel Bomfim ante a emoção dos nossos olhos espantados, acabava a narrativa, forte como o romance mais forte, dizendo, as palavras tremulas:

— E' por isso que o coração delle parou. A gente lhe colla o ouvido ao peito e é como um tumulo — nem um som, um movimento siquer!... Quatro garrafas de cerveja, nem menos, Bomfim esvasiara no desenrolar da novella que um homem rude escrevera com o sangue do coração e com todas as lagrimas que um homem póde chorar...

—

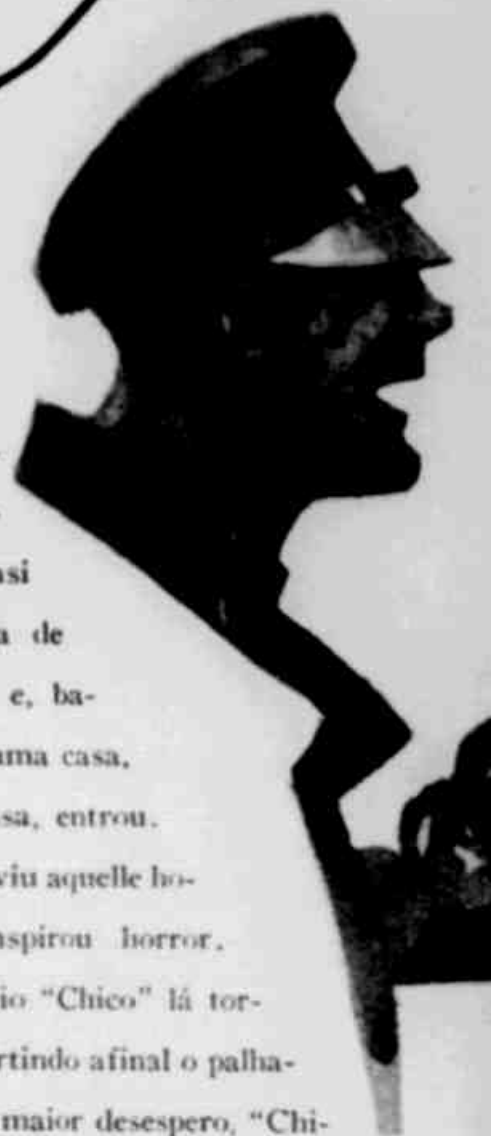
A historia que palpita na bocca de quasi todos os maritimos, palpitava na nossa curiosidade de agora que buscavamos na imaginação os seus melhores coloridos para escrevel-a.

E — curioso — da narrativa de Manoel Bomfim não perderamos uma scena, um detalhe, uma palavra ao menos. E de tal modo ella nos impressionara que retrocediamos vinte annos, ao milagre do pensamento irreverente e folheavamos as paginas, as primeiras, do romance. "Chico Malhado", então mestre do palhabóte "Quaranto" conhecera, em Santos, uma extranha mulher. Elle proprio não sabia explicar o que se lhe passou no intimo quando lhe fixou, pela primeira vez, a belleza do rosto e lhe adivinhou a do corpo. E foi tão irresistivel a seducção que elle a acompanhou, enveredando por não poucas ruas, precipitando os passos para mais e mais se approximar da creatura linda. Ella quasi não se apercebera de que fôra seguida e, batendo á porta de uma casa, numa viella esconsa, entrou. Só nessa occasião viu aquelle homem que lhe inspirou horror.

Dois dias a fio "Chico" lá tornou, sem exito, partindo afinal o palhabóte. A alma, no maior desespero, "Chico" confidenciou toda a sua amargura ao seu inseparavel companheiro de todos os dias — um irmão pelas vicissitudes e pelas tristezas que soffreram juntos...

— Quem é elle?

Perguntaramos a Bomfim ao que elle, livido, nos dissera não se lembrar mais, continuando a desnovelar a emoção do romance.

Rolaram os dias, vieram as semanas e se foi o primeiro mez, e o "Quaranto" partiu, novamente, para Santos. Nem a ausencia do companheiro, com quem se habituara a falar de terra em que vivia a unica mulher que o empolgara, e que ficara retido em terra por causa de uma febre, lhe empanava o contentamento. "Chico", impaciente, vivia contando as horas, quasi medindo os minutos que o distanciavam da terra onde contava colher a sua maior felicidade. E o que era mais curioso na vida desse homem é que,

de facto, elle nunca tivera paixão alguma, sendo essa, a primeira, quando gente da sua idade já soffria as ultimas. Mal o navio atracou em Santos, "Chico" pulou para terra, cheio de ansias e foi rondar aquella casa, por cujo caminho seria capaz de andar de olhos fechados.

E — os bons fados o ajudaram — ella estava á porta. Cumprimentou-a, falou-lhe, e longe de se desilludir com a mulher facil que á primeira declaração lhe abrira as portas da casa, as do coração e os braços, mais se enganou nas suas promessas, tonto do amôr que ainda não conhecia e da felicidade que julgava ir conhecer...

Mas o papel ainda estava em branco. A rememoração nos tolhera os movimentos da mão, vencida pelo pensamento. E, indifferentes aos minutos que rolavam, nos entregavamos á inanição, presos ao romance que se approximava do fim... A noite inteira o "Chico" dormira naquella casa, ebrio de beijos e de carinhos da mulher, cujas ternuras para elle não tinham segredos mas cujo nome nem sabia...

E já era manhã quando o "Chico", abraçado á mulher que se entregara facilmente, ouvindo passos olhou para a porta e perplexo, desnorteado viu surgir o confidente de sempre.

— Tu, aqui? — perguntou "Chico" emquanto a mulher fugia lá para dentro.

— Sim, eu... respondeu o outro.

E "Chico":

— Que vieste fazer aqui?

O outro, com indefinivel expressão nos olhos:

— Aqui é a minha casa, "Chico"... e essa é a minha mulher!...

Capaz de afrontar todos os perigos, heróe de tormentas e triumphador dos oceanos, o "Chico", de tão emocionado, tombou, sem uma palavra. O amigo trahido, esquecendo que lhe devia a vida, vendo-o cahir, enfiou na bainha o punhal que arrancara para vingar-se, sahindo cambaleante, no desvario maior...

Um medico, chamado ás pressas, depois de auscultal-o longamente recuou, frio, o olhar, esbulhado, dizendo:

— O coração não bate!...

— Morto?

E entre a estupefacção dos presentes o medico disse que não...

Meia hora depois, resurgindo de uma syncope, o "Chico" se erguia e sem olhar a mulher que se desgraçara, desgraçando-o mais, partiu para o "Quaranto".

O caso correu de bocca em bocca e varias juntas medicas chegaram á conclusão de que a violencia do choque lhe paralysara, para sempre, os rythmos do coração, transformando-o, contra todos os clarões da sciencia, num homem phenomeno — no primeiro homem que vive sem coração...

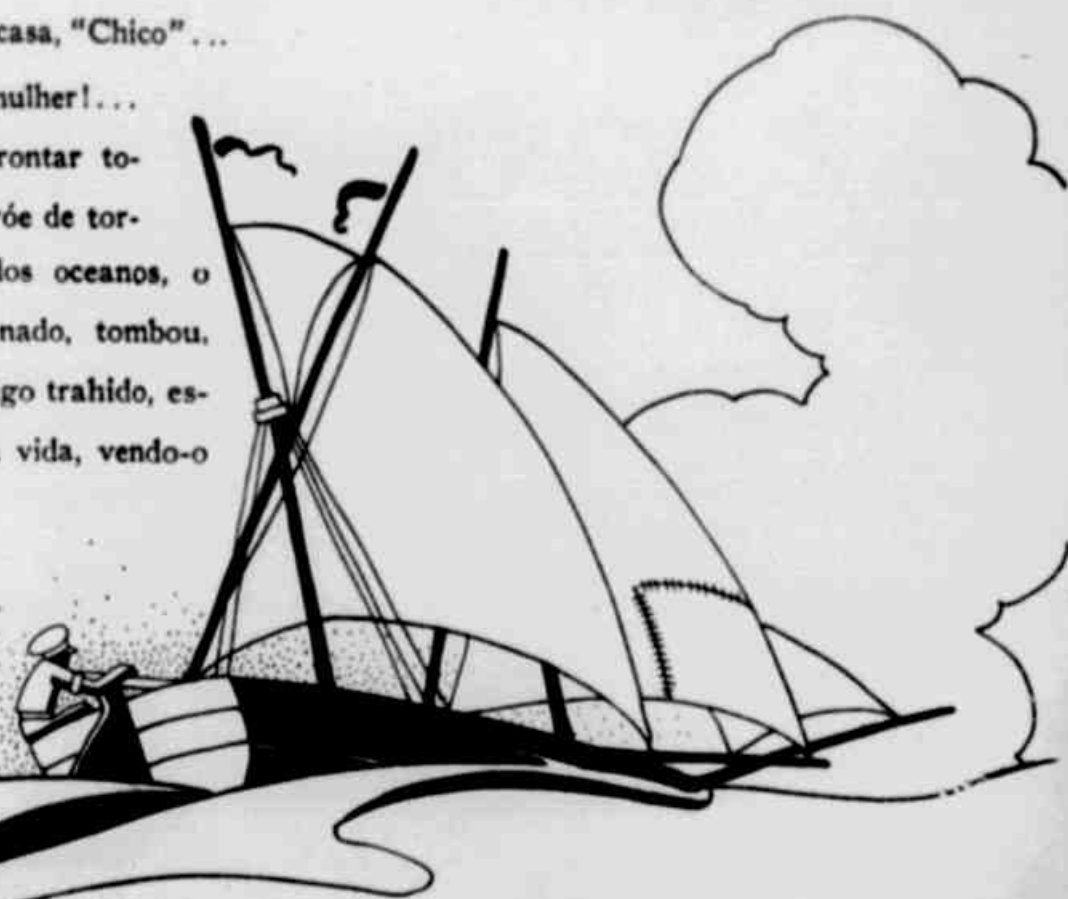
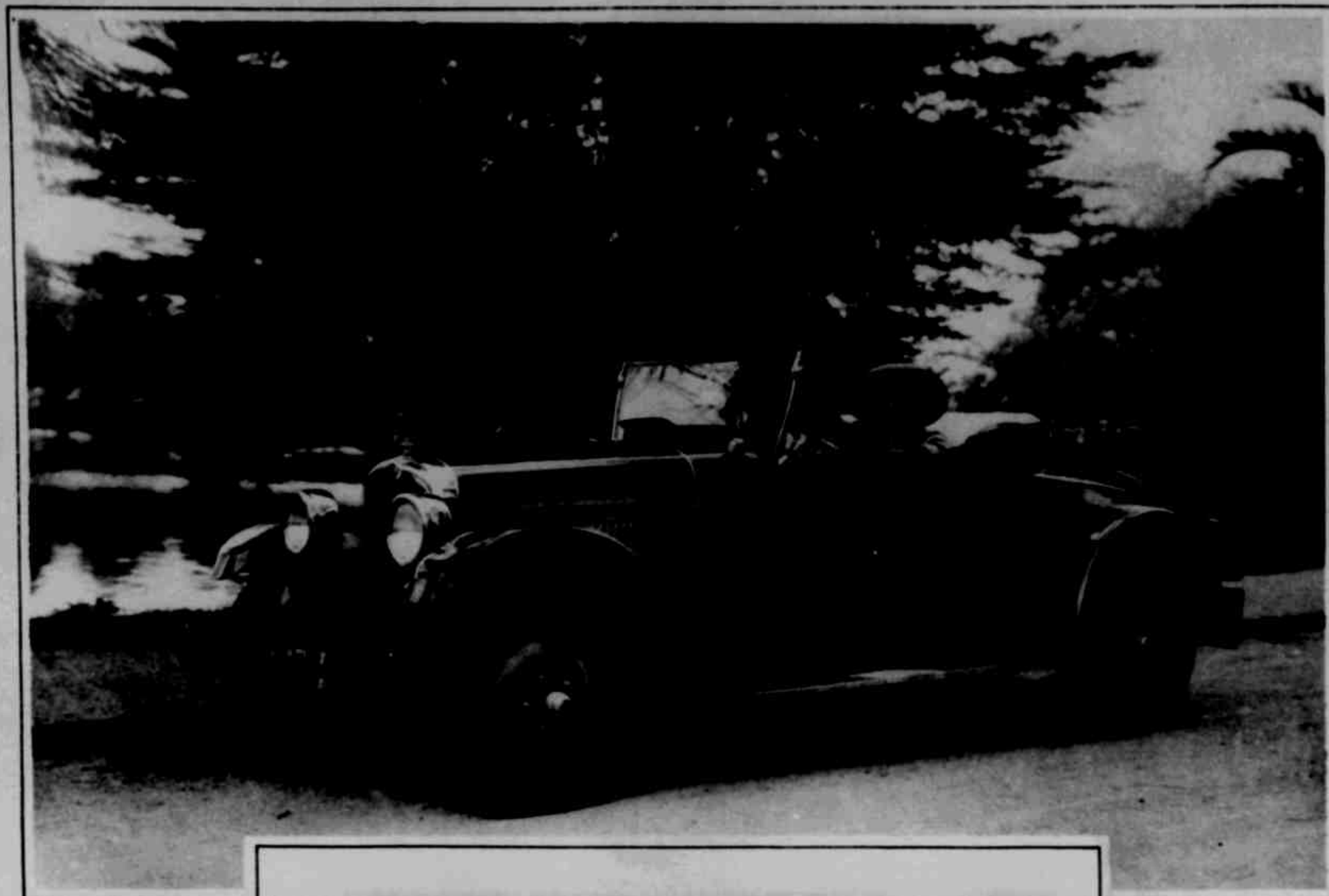
Naquella casinha tôsca da Saúde dois homens conversavam na tarde quente.

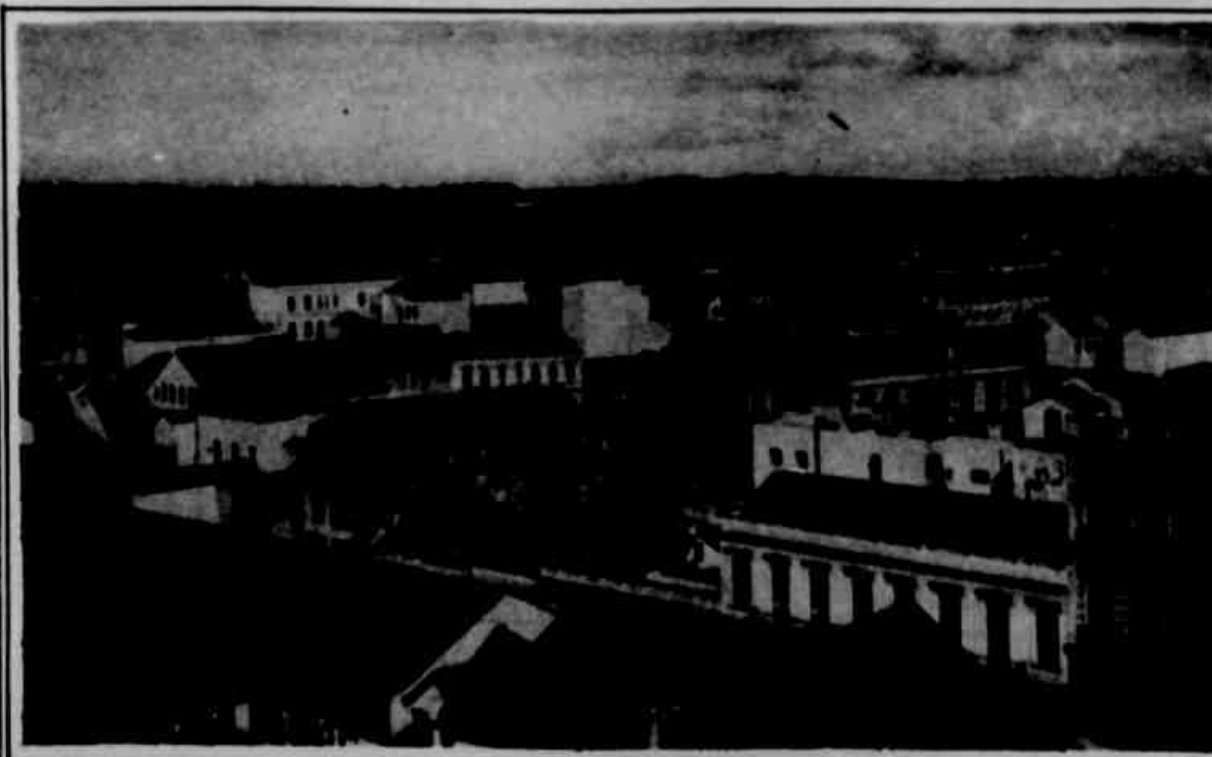
Toda a historia emocionante o proprio "Chico Malhado" nos repetia, agora, molhando as palavras que ia pronunciando nas lagrimas que, pareciam, não acabarem de chorar mais.

— Quem era esse amigo que, sem querer, o Sr. trahiu? — perguntamos.

E elle, cerrando as palpebbras:

— O Manoel Bomfim.

ILLUSTRAÇÕES DE J. CARLOS

MISS PARANÁ NO SEU AUTOMOVEL (ESPECIAL PARA "PARA TODOS...")

ESTRADA GRACIOSA E ASPECTO DA CIDADE — NO PARANÁ

MUSICA

Depois de um breve estagio no theatro, o "Retabulo de Mestre Pedro", de Manuel de Falla, retomou o seu logar no concerto e foi a Orchestra Symphonica de Paris que se encarregou de nol-o apresentar. Não são raras hoje taes mudanças. Certas partituras mesmo exprimem melhor sua profunda significação no estrado symphonico, onde, longe dos scenarios e dos gestos se póde mais livremente apreciar seus meritos musicaes.

Quererá isto dizer que os seus autores quando as compuzeram, enganaram-se sobre o seu verdadeiro objectivo, que o genero de seus enredos era de difficil adaptação á scena ou os costumes lyricos em uso não convinham á sua apresentação? São questões que pedem exame e cuja discussão permittiria estabelecer uma base numa época em que a arte lyrica, um pouco fatigada de successos antiquados, aspira a mais variedade, necessita como que de um arejamento.

O "Retabulo" traduz bem essa aspiração. Foi com o mais vivo prazer que se ouviu essa partitura pela Orchestra Symphonica de Paris, tendo ella merecido por parte do Sr. Ansermet o estudo o mais attento e esclarecido. Na obra de De Falla, o "Retabulo" — e principalmente o "Concerto" — accentúa a tendencia do compositor para uma arte mais nervosa, mais concisa do que a sua maneira habitual. A acção exige uma realização musical mais rapida, excluindo commentarios muito desenvolvidos que a retardassem, procurando, antes de tudo, apanhar ao vivo o rythmo célere do episodio de Cervantes. Dahi esses monologos vivamente ditos pelo recitante, esses commentarios musicaes que com um traço ligeiro e nitido fazem logo resaltar o espirito de uma scena, sem se demorarem em accentuar detalhes, pittorescos embora.

Uma impressão de ordem se desprende dessa musica, cheia de elegancia e de gosto. Não ha o menor ascetismo nessa ordem. Quanto ao gosto não decae em secura, demasiada, nem tampouco em prolixidade. Estas qualidades se fazem notar na nobreza das linhas melodicas, nas harmonias cheias de luz, reforçando uma accentuação tonica que serve de base a uma musica elegante e de raça.

Não nos cansamos de ouvir essa orchestração leve, fina, tão sonora que ficamos com vontade de perguntar por que sortilegios consegue o compositor obter de seus instrumentos — entre os quaes elle dá um logar de honra ao cravo — uma tal variedade e uma tal riqueza de sonoridades.

O pianista Ignaz Friedman, um dos artistas que tomam parte na serie dos Concertos Viggiani, este anno, no Theatro Lyrico.

O "Retabulo" foi regido pelo Sr. Ansermet com muito calor e muita flexibilidade de rythmo. A Sra. Janacopulos, no papel de "Truchement", demonstrou uma dicção esplendida e resolveu as difficuldades vocaes do papel com muita intelligencia e comprehensão. O Sr. Dufranne desempenhou o personagem de D. Quixote com a segurança habitual e o Sr. Salignac no de "Mestre Pedro" patenteou, mais uma vez, a sua veia comica.

Darius Milhaud, outro foragido do theatro, vem se acolher no concerto, actual refugio consolador das peças fracassadas. A "Creação do Mundo" é um bailado negro cujo argumento é de Blaise Cendrars.

A musica de Milhaud, privada de seu commentario scenico não perde, entretanto, o seu valor proprio. Póde ser ouvida sem que se procure estabelecer um parallelo rigoroso entre o conceito do libretista e o do compositor. Sem pretensões a originalidade, Milhaud esforça-se, no entanto, em crear a atmosphera a mais favoravel ao enredo, o que explica a obsecção do "jazz" que se percebe em toda a partitura. Da sua estada em Nova York, onde ouvia innumeros "jazz", o compositor guardou a lembrança — e quiçá a obsecção — de sonoridades, cujo equivalente as nossas orchestras não lhe podem dar.

Milhaud, porém, não podia desprezar de um modo absoluto uma cultura classica de que já havia dado sérias provas, cultura que um arranhar de "banjo" não é sufficiente para apagar. Por maior que seja a admiração pela arte negra, não é possivel, do dia para a noite, acabar com amizades e tendencias mais directas e mais antigas. Estas duas tendencias: de um lado, o caracter dynamico do "jazz", do outro, a elaboração de uma arte onde predominam a reflexão e a preoccupação da construcção sonora, acham-se em evidencia na "Creação do Mundo". Para cimentar esta alliança imprevista, Milhaud tem a exuberancia de um temperamento natural e essencialmente musical, capaz de "achados" de uma impressão picante.

O Sr. Ansermet soube fazer sobresahir muito bem as qualidades dessa partitura. Foi executada tambem pela primeira vez, "Tilimbom" de Stravinsky, de uma orchestração esfusiante, que os recitaes de canto já haviam divulgado, mas que ainda não havia tido a consagração suprema do concerto symphonico. A Sra. Janacopulos desempenhou a parte de canto com intelligencia e espirito.

Graças tambem ao Sr. Ansermet o "Pacifico" de Honegger foi muito bem executado e a "Symphonia em fá" de Brahms teve uma interpretação serena e de muita nitidez em todos os seus detalhes. — PAUL LE FLEM

OUTOMNO

DO

RIO

Copacabana

A arte na Russia Sovietica

Toda a antiga sociedade russa, desde os tzares aos simples fidalgos, dos boyardos aos "moujiks" tinha o culto da arte. Por isso, com o correr dos seculos, a Russia poude accumular verdadeiros thesouros de arte nacional, cuidadosamente conservados até 1917, apezar de pouco conhecidos pelos proprios russos.

O interesse pela arte russa antiga manifestou-se com mais intensidade durante os 25 annos que precederam a declaração da guerra. Principalmente depois de 1910 houve um verdadeiro renascimento de edições de luxo, de revistas de arte como as "Starie Geody" com a collaboração de especiatas taes como Serge Massovsky e o barão N. Wrangelle, P. Heiner, N. Werestchagnine. Publicaram-se estudos sobre os centros de arte russa, sobre os castellos, os mobiliarios, as porcelanas; fundaram-se sociedades para conservação dos monumentos artisticos, para escavações archeologicas; amadores ricos formaram novas collecções de quadros, de imagens sagradas, de porcelanas e de crystaes. A arte moderna, por sua vez, fez progressos immensos, principalmente a arte decorativa que teve grande influencia nas correntes artisticas dos paizes estrangeiros, sobretudo da França. Ainda está bem viva a lembrança da verdadeira revelação que foram os Bailados Russos apresentados em Paris por Sergio de Diaghiteff. O publico francez, tão difficil de contentar, ficára tambem subjugado pela musica russa. Tambem na Russia, a pintura, a architectura, as artes applicadas recebiam um novo e formidavel impulso.

Este renascimento artistico ficou parado, ou por outra, diminuiu de intensidade com a guerra; entretanto, os trabalhos de conservação e restauração dos monumentos historicos, já iniciados, não foram interrompidos, nem tampouco a publicação de obras sobre diversas questões de arte; pintores, esculptores e architectos não permaneceram inactivos e fizeram innumeras exposições.

Póde-se, pois, dizer que ao rebentar a primeira revolução — Fevereiro de 1917 — a arte russa estava em plena expansão. Graças a essa situação e á iniciativa particular de um grupo de artistas, de historiadores e de amadores sob a presidencia de Maximo Gorki, as consequencias do vandalismo desencadeado em todas as revoluções foram consideravelmente attenuadas. A medida de preservação mais importante tomada por esse grupo e que o governo provisorio sanccionou, foi sem duvida, a transformação dos palacios imperiaes em museus nacionaes.

O golpe de Estado bolchevista de Outubro de 1917 e as insurreições que provocou aqui e ali, damnificaram um pouco os monumentos e obras de arte. Felizmente os estragos foram pequenos e de facil reparação. O Palacio de Inverno, que foi o que mais soffreu, não continha objectos de arte de grande valor, e os estragos causados pelos bombardeamentos de Moscow, de Kiev, de Jaroslaw puderam ser concertados. Os especialistas encarregados dessa missão aproveitaram para estudar a fundo os monumentos avariados. Na cathedral de Dmitri em Wladimir, descobriram pinturas a fresco admiraveis do seculo XII, assim como em Tchernigoff, imagens sagradas em Moscow, etc.

O proprio Governo creou commissões especiaes para conservação dos palacios e museus em Petrograd, nos grandes centros e nas antigas residencias imperiaes. A sua acção foi consideravel. Não só conseguiram salvar da destruição e do saque os objectos historicos e as obras de arte, como tambem iniciaram e terminaram o recenseamento de tudo quanto os palacios continham: quadros, moveis, porcelanas, etc. Esse trabalho executado meticulosamente revelou a existencia de uma infinidade de peças raras, esquecidas durante muitos annos. Transformados em museus, os palacios imperiaes puderam ser conservados em perfeito estado; até os apartamentos particulares de Nicolau II no palacio Alexandre, em Tsarskoié-Selo, não soffreram damnos nem foram modificados, conforme tive occasião de expôr aos leitores da "Illustration" em Janeiro de 1922. As commissões occuparam-se tambem dos museus, dos palacios e das residencias particulares; os que tinham interesse historico ou que possuiam collecções de valor foram transformados em museus e ficaram sol a protecção official. Assim foram preservados os palacios dos condes Scheremetieff, Strognoff, Bobrinsky, Schouvaloff e outros em Petrograd; Kharitonenko, Ostroukhoff em Moscow, Khanenko em Kiev, etc.

Leiteira

Prato polychromico de Serge Tchékhonine Fabrica do Estado

Bule de chá

Conservadora do patrimonio artistico da Russia, a revolução bolchevista teve, entretanto, no desenvolvimento da arte moderna uma influencia pouco feliz. As épocas de perturbações politicas são, em geral, desfavoraveis de inspiração artistica. A revolução russa não faz excepção á regra. Os actuaes senhores da Russia que julgaram crear um Estado novo, uma moral nova, deram naturalmente preferencia aos artistas que procuravam um ideal novo; por isso houve nos primeiros tempos do sovietismo, uma legião de futuristas, de "suprematistas", de "constructivistas", de "sem-themistas", que ameaçavam abafar toda e qualquer manifestação de arte menos violenta. Foi uma época de propaganda desenfreada pela imagem, pelo annuncio, "placard"; por occasião das festas revolucionarias, as cidades foram decoradas de modo tão estranho, que o povo ficou estupefacto e desorientado. Estatuas de gesso, de estuque, de madeira, nasceram como capim em todas as esquinas; felizmente, porém, para a arte, todos esses Karl Marx, esses Lasalle, essas Rosa Luxembourg, esses Ouritzky, fructos de uma inspiração doentia e de uma realização infantil desappareceram rapidamente graças á chuva.

A "Manufactura de Porcelana" de Petrograd, ou por outra de Leningrado, escapou, em parte, a semelhantes extravagancias. Fundada em 1745, attingiu rapidamente a uma grande perfeição que nada

(Conclue no fim da revista).

A' esquerda e á direita, pratos da Manufactura de Porcelana de Leningrado.

No meio, prato verde, rosa e ouro, da Fabrica de Porcelana do Estado, por Serge Tchékhonine.

Bahia

Sergio Olivaes

Recanto do jardim

Trecho da Fazenda São João em Camassary

No Parque de Nazareth em S. Salvador

Avenida Oceanica em S. Salvador

O José Gandaia jurara ao Manoel Curiba.

Manoel Curiba era um caboclo destabocado (1), de passo gingado, trunfa ao vento, chapéo de banda. Nos diversos recontros que tivera, não se lhe conhecera desfallecimentos ou desar: era sempre vencedor, e, demais disso, generoso, porquanto, podendo levar á morte o vencido, contentava-se de lhe riçar a pelle com um golpe de faca ou de lhe amolgar as ventas com um arremêsso do braço. O seu prazer era montar o adversario, cavalgal-o com as pernas enrijadas e, travando-lhe os hombros com os braços reapesados, cuspir-lhe no rosto:

— Conheceu que aqui ha homem? Olha que não te mato porque sou christão.

José Gandaia era um portuguez (que o appellido lhe viera da terra, onde levara vida sôlta e malbaratada) rixoso e bulhento, mas com algumas posses que o faziam cobiçado do mulherio; era, de profissão, boiadeiro: sahia pela estrada a arrematar gado de fazenda em fazenda — gado descarnado e magro — invernava-o por quatro a cinco mezes e, logo que o via nedio e roliço, sahia a mercal-o na feira. Assim amealhara o seu quinhão e, apurada a féria da mercania, dava-se com estrepitoso alarma a entreter amores faceis com as rascôas de porta aberta.

Fôra ahi o seu caso com o Manoel Curiba.

O José Gandaia montou casa a uma mulata pimpona e faceira, muito batida dos quartos, mas asseada e limpa.

Tinha uns dentes de jaspe, que luziam no escuro; a rir, duas covinhas lhe apontavam nas faces; os seios se lhe empinavam rijos, duros como a querer esgarçar o corpete; usava saias tufadas de gomma e, quando batia a calçada da rua, os seus tamancos feriam a pedra com um rythmo compassado e cadente.

O José Gandaia rendeu-se lamecha aos encantos da mulata e aposentou-a em casa que lhe trastejou.

O Manoel Curiba era tropeiro; com uma pequena tropa de doze bestas (que elle proprio domara e adestrara) fazia carretos da feira ao sertão e do sertão á feira.

Muito exacto e fiel, nunca se lhe increpou falta ou desvio nas cargas confiadas á sua guarda e, a não ser os recontros a que o impellia o seu animo pugnaz, era dos mais bemquistos em toda a sua redondeza.

A ultima vez que aportára á feira, — quem havia de vêr de casa e pucarinha com o José Gandaia? Maria Rita, a sua primeira namorada dos bons tempos em que Manoel Curiba orçava apenas pelos vinte annos. Ah! que saudades lhe não vinham agora dos volteios e saracoteios do samba, ao som da viola chorosa, enlaçando a cintura fina de Maria Rita e haurindo-lhe, de perto, toda a fragrancia da carne virgem e cálida?

Amaram-se como namorados, e Manoel Curiba lhe empenhara a palavra de esposal-a logo que o seu officio e trabalho lho permittissem.

Mas, um dia estourou no bairro a nova de que Maria Rita desapparecera de casa, raptada por um palhaço de circo!

Foi uma dôr dalma para o Manoel Curiba! Vieram-lhe assomos de ir no encalço dos fugitivos, esganal-os, beber-lhes o sangue!...

Mas, entrando na posse de si mesmo, logo se persuadiu de que Maria Rita era uma tonta e desbriada que lhe não merecia a honra de um desforço. E fôra aquella a unica paixão de sua vida!...

"Annos volveram — quasi um decennio — e nunca lhe chegaram noticias a respeito da sorte e paradeiro que levara a infeliz. E toda a lembrança de Maria Rita se lhe apagou da memoria, varrida pelo asco e pelo desprezo.

E agora, eis senão quando, a topa aposentada numa das casas melhores do circuito da feira. A sua paixão renasceu, como de sob as cinzas renasce, mais viva e intensa a chamma do fogacho. E Manoel Curiba, atormentado pelo desejo de rehaver aquella mulher que estivera prestes a ser sua, determinou cortejal-a e possuil-a como um sedativo á saudade que carpira e á paixão que o flagellára.

Uma noite, como soubesse que o José Gandaia se houvesse ausentado, temporariamente, da feira, Manoel Curiba bateu á porta de Maria Rita. A mulher veiu recebel-o vestida de um falso pudor e candura, negando-se abrir-lhe a porta e toda alheia a qualquer reminiscencia do passado.

Manoel Curiba entrou, respeitoso e submisso, com os olhos baixos, entalado num grande alvoroço por se vêr assim inopinadamente de rosto com a mulher que conhecera virgem e pura, que fôra a sua paixão dos vinte annos e que agora via relegada á condição de mercenaria do amor! Maria Rita o desconheceu ou esquivou-se a conhecel-o, mas, quando o caboclo, com a voz tarda e tremula, tartamudeou: — Sou o Manoel Curiba, — a mulata atirou-se-lhe ao pescoço, enlaçou-o com os braços, animou-o, acarinhou-o, e ali se poz, com grandes guais e suspiros, a desfiar a "historia de sua desgraça", rogando-lhe "a não tivesse por culpada e criminosa, — que toda a culpa e todo o crime fôra delle, o seductor, o treteiro, o coisa-ruim!"

Manoel Curiba não se poude eximir de passar a mão pelos olhos que as lagrimas embaçavam, e ali mesmo a absolveu com o seu perdão, protestando que a amava como dantes e que a reclamava agora toda para si, sua tão sómente, — e tanto que tomaria sobre si os encargos da casa si ella, por seu turno, rompesse com o portuguez.

— O José Gandaia? — sahiu ella com um mochocho de descaso e um soerguer de hombros. Quando elle voltar e que me subir as escadas, — bato-lhe com a porta na cara. Sou tua, Manoel Curiba.

Manoel Curiba tomou-lhe as mãos e, derreando a cabeça em seu hombro, assim quedaram alguns segundos, mudos, enlaçados, unidos, fundidos num pacto que agora os consorciava para a vida e para o amor.

Quando o José Gandaia chegou de volta, logo o advertiram da infidelidade da rapariga. Quiz verificar de viso e foi onde a ella. Maria Rita cumpriu o dito: assacando-lhe um epitheto injurioso, fechou-lhe a porta nas barbas. Da sala contigua vinha, clara e distincta, a voz do Manoel Curiba trauteando uma modinha.

Alçando o punho, José Gandaia jurou entre dentes que mataria o Manoel Curiba.

José Gandaia era tibio e covarde; blasonando de valente, como o cachorro que ladra mas não morde, — o portuguez entrou de alardear por toda parte que "era homem para enfrentar caboclo, que não o temia ainda dormindo e que lhe havia de plantar um ferro nas guélas"!

Avisado, Manoel Curiba começou a andar armado, prompto e disposto para o destranque (2). Mas a hora não soava porque, mal via assomar o vulto de Manoel Curiba, — José Gandaia torcia o corpo, quebrava os olhos e enfiava por uma betesga, onde se forrava ás vistas do contendor. José Gandaia premeditava a traição ou a emboscada. (Que fôra assim, dizia-se, que elle liquidára um patricio no Rio Verde, por fórma que nunca a Justiça lhe poude pedir contas do "serviço").

Um dia, manhã cedo, após o dealbar da aurora, Manoel Curiba, como lhe faltasse o fumo para pitar, acertou de ir buscal-o á venda defronte.

Tão descurado ia o caboclo que levava os pés enfiados em chinellos de liga, estava desforrado de paletó e tinha a cabeça ao léo.

Vencida a pequena distancia de vinte metros a que a venda ficava de casa de Maria Rita, Manoel Curiba pediu fumo de rolo ao dono do negocio.

O fumo ficava no deposito ao fundo do estabelecimento ao que sahiu o negociante, deixando a sós no negocio o Manoel Curiba. Este, dando costas para a rua, quedou-se á espera, espairecendo os olhos pelas prateleiras.

Com pouco, a um movimento fortuito voltou o corpo para a rua e viu, a caminho sobre elle, com uma faca acerada em punho, mudo e levipede, sorrateiro e covarde, o José Gandaia. Instinctivamente Manoel Curiba correu a mão pela cintura, palpando os sitios onde lhe era vezo trazer a garrucha ou a frasqueira (3).

Mas logo as mãos lhe penderam inertes — estava desarmado! Olhando de rosto ao José Gandaia para advertil-o da sua covardia, disse-lhe á distancia:

— Tou desarmado, patife (4).

Então os olhos do José Gandaia chammejaram, um novo alento lhe pareceu inflar todos os musculos, um riso de escarneo lhe sublinhou os labios e, com o ferro alçado, o José Gandaia ia a transpôr o batente da porta para descarregar o golpe em sua victima inerme. Lestro como era, Manoel Curiba podia transpôr o balcão do negocio, fugir para o interior ou gritar por soccorro. Mas não o quiz, nem uma, nem outra cousa; seria dar parte de fraco. Arrimando-se ao balcão, o caboclo esperou o bote do adversario.

Ergueu o rosto, correu os dedos por um escapulario que tinha pendente do pescoço (dadiva de sua mãe contra emboscadas e traições) e fitou de face o inimigo. Os seus olhos cravaram-se fixos, immoveis, accesos, rutilos nos olhos do José Gandaia, traspassando-o, varando-o como dardos de luz. Justamente regressava do interior do negocio o logista com o fumo.

E o José Gandaia firmou o salto para cahir sobre o Manoel Curiba.

Então, fosse como fosse, ao transpôr a humbreira que ficava a meia altura da rua, o José Gandaia tropeçou, trambolhou e cahiu, estatellado.

Prestes Manoel Curiba convidou o negociante a erguerem-no do soalho. Isto feito, verificaram que o chão estava alagado de sangue e que o José Gandaia cahira sobre a faca que empunhava, de fórma que esta se lhe embebera até ao cabo, no ventre.

Rolando os olhos, agoniado, o portuguez pediu agua. Manoel Curiba em pessoa a trouxe numa caneca e o serviu.

A agonia foi rapida. Com um breve extertor e um curto arranco o portuguez exhalou a alma.

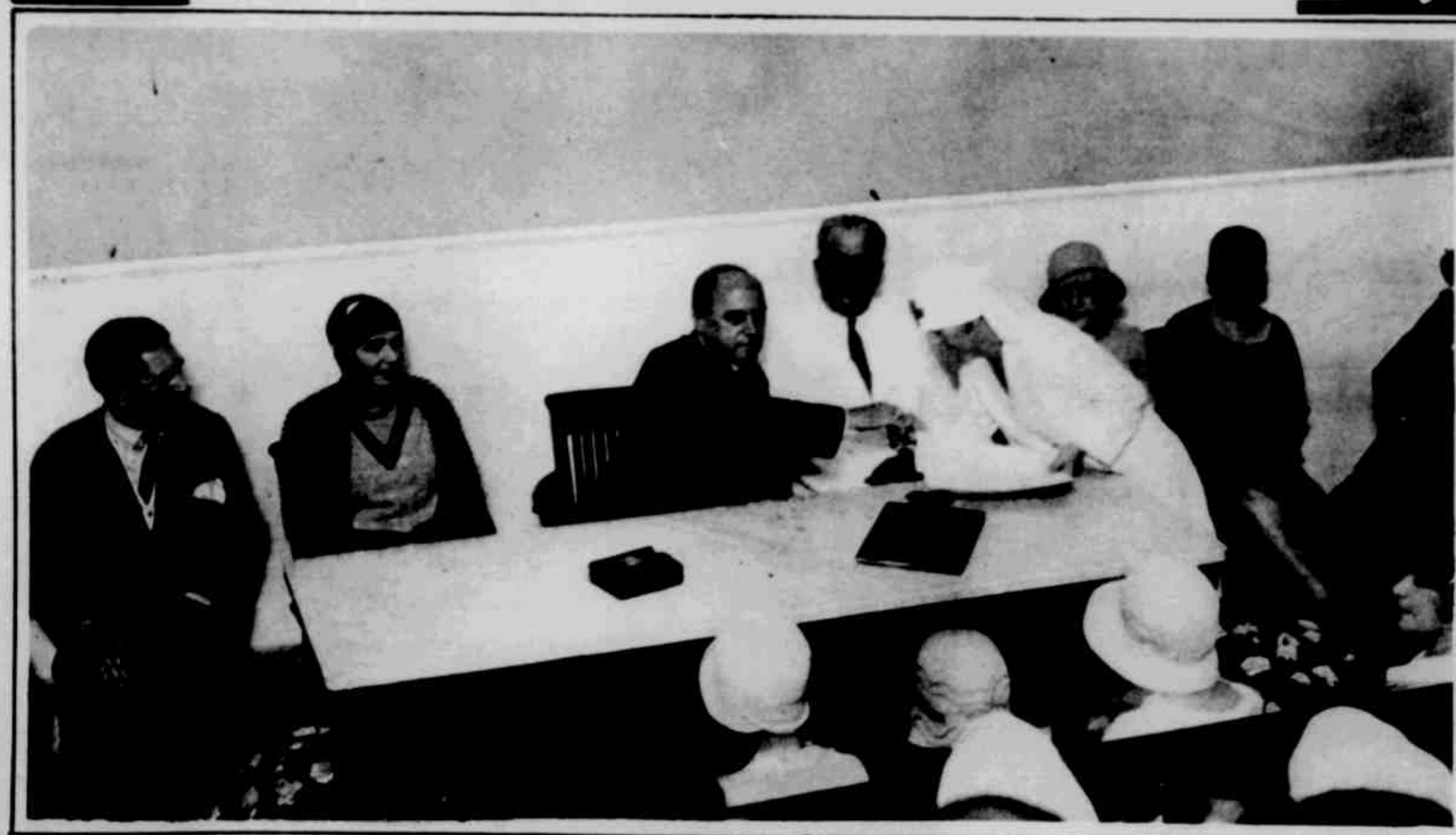
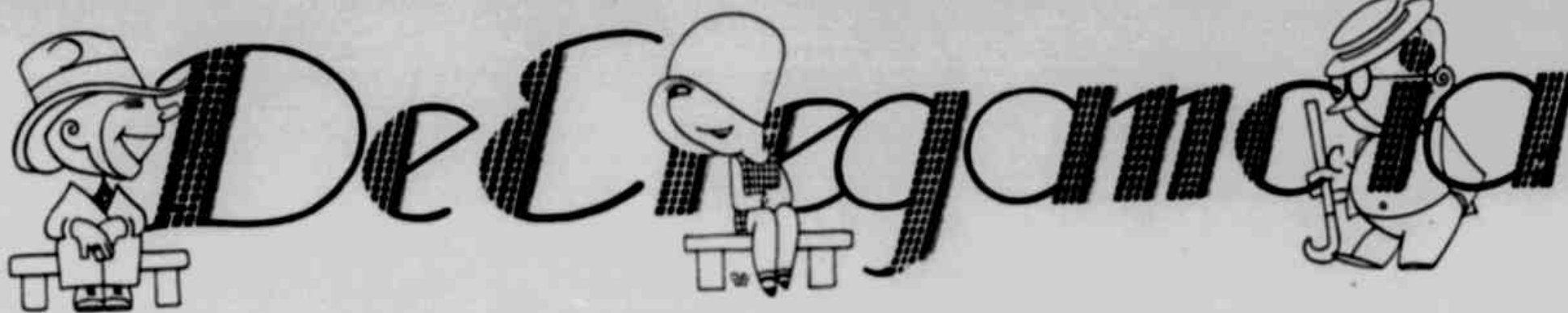
Então, Manoel Curiba e o negociante piedosamente carregaram o cadaver e o depuzeram na sala contigua, sobre uma mesa que armaram. Manoel Curiba foi o proprio a lhe postar e accender duas velas á cabeceira.

Acabando de armar a camara ao morto, Manoel Curiba, que estava secco por tirar a sua fumaça, picou o fumo com um cacherenguengue (5) que viu á mão na prateleira proxima, dispôl-o na palha que trazia ao canto da orelha, enrolou o cigarro e bateu o cornimboque (6).

E, voltando-se pachorrentamente para o negociante, emquanto puxava a fumaça:

— Inda bem que você foi testemunha que não fui eu que matei.

(1) Valente, destemido.
(2) Briga, recontro.
(3) Faca de ponta, commummente apparelhada de prata.
(4) No Estado de Minas o termo patife é usado com a significação de "covarde".
(5) Faca velha embotada.
(6) O mesmo que binga, isto é, isqueiro feito de ponta de chifre cujo vão é cheio com algodão queimado á guiza de isca.

AS NOVAS ENFERMEIRAS DA PRÓ-MATRE

A entrega dos diplomas ás novas enfermeiras pelo bispo D. Mamede.

De Elegancia

Aureliano Amaral, o Eurico Ribas das "Elegancias" do *Jornal do Brasil*, secção das mais apreciadas no excellente diario carioca, dá hoje interessante nota nesta pagina. O prazer dos leitores será grande. E o meu agrado se manifesta porque muito me merece, o illustre collega que é tambem official do mesmo officio. Tem a palavra, pois, em "De Elegancia" quem subscreve "Elegancias":

"Pediu-me a interessante redactora deste "magasine", que algo dissesse sobre "elegancias..." Em primeiro logar, consinta pulverisar a resposta com uma phrase latina: é a canella no arroz doce da chronica, faz crer erudição, o que, nestes tempos, mesmo sem se aperceber o paciente, póde leval-o á presidencia do Banco do Brasil. Ahi vae a phrase: "Difficilem rem postulastis".

Quer dizer: haver sido pedida cousa difficil, quasi indefinivel.

Agora, como me fiz escrivinhador de "elegancias", é facilimo narrar: meu cumplice, o homem que me levou a commetter tão feio crime, foi um elegante, de facto (sem trocadilho), mesmo porque elle o é espiritual e indumentariamente falando.

Devo o ter-me mettido na pelle de Eurico Ribas ao Dr. Annibal Freire, meu director d'*O Jornal do Brasil*.

AURELIANO AMARAL

Costumo ir a Caxambú nas minhas férias regulamentares, ali, nem sei mesmo porque sempre perco o sizo, suas aguas sobem-me á cabeça começando a dizer e fazer coisas, que me aterrorisariam si as levasse a effeito, aqui, entre o austero obelisco e os olhos complacentes do visconde de Mauá.

Numa dessas synalephas em que o juizo, insidiosamente, me abandonou, enviei para cá umas chronicas, que o mesmo director por "blague", perfidia ou ironia baptisou de "Elegancias..." e, ellas começaram, ha cerca de sete annos, a apparecer, dia a dia, neste matutino, sinão com applausos, ao menos, com tolerancia e aterradora regularidade. Estava armado em elegante.

De certa feita, rabisquei umas "cousas" sobre Pierre de Trévières e André de Fouquières, esses "leões da moda parisiense"; parece que gostaram do que escrevi, tanto que me responderam, ambos, com fervorosos agradecimentos, enviando-me suas photographias, com "dedicaces" (parece que é assim que se diz em francez dedicatorias) encomiasticas. Perdi, então, de todo, o juizo.

Considerei-me Jeanne D'Arc da elegancia indigena. Dahi por deante não me contive mais: mandei fazer ternos de roupa de varias côres, adequados ás differentes horas do dia, importei do Doucet algumas gravatas, o "bottier" parisiense Perugia forneceu-me sapatos, recebi camisas de Poirier, Burgos e Ahetze, borrifei-me com perfumes de Myrurgia e Caron, e, assim ajaesado, rescendente, comecei a mostrar o que valia um elegante, que aguas caxambusenses fizeram brotar.

As roupas espalhafatosas, as camisas berrantes, as meias de sensacionaes côres e os perfumes caros, não produziram o desejado effeito, recolhi, pois, todo este agressivo arsenal aos "quarteis do inverno", á moda de Cesar com

suas hostes, e, passei a vestir-me como os demais mortaes.

Se, dahi por diante não consegui maior successo, tambem não despertei o malicioso sorriso das "melindrosas", porquanto, naquelle tempo ainda não existiam as deliosas "misses".

Hoje, minha "elegancia" está aquietada como a do fallecido Eduardo VII, a do actual principe de Galles, de Brummel, de Barbey d'Aureivilly, Fouquiéres, Trévières, e do commandante Jacob Nogueira, isto é, passou a ser uma elegancia sobria, que não é notada, e, nem a gente mesmo sabe si é elegancia ou não.

Ando agora com roupas amassadas para fingir que acabei de tiral-as da mala de "cabine", mesmo que tenha vindo de Bangú no E. B. 7 ou cousa que o valha. E' attestado de bom gosto.

A "elegancia" deve passar despercebida, sua indumentaria deve ser como muita gente que por aqui andou e que "ninguem não viu"... E' o meu "retrain". Propago-o, metto-o a martello nas cabeças dos incredulos, e, vou dizendo que sou elegante para que não ousem reconhecer nas minhas roupas de hoje os ternos outr'ora refulgentes de Worth, Poole, feitos com pannos de Elbeuf e con-

feccionados, por Charles Harmaniantz, fornecedor de côrtes estrangeiras, segundo diz elle"

Se me fosse dado, porém, apontar sacerdotes dessa religião que me encanta, perfeitos conhecedores da arte de bem vestir citaria o nosso actual prefeito, Sr. Antonio Prado Junior e os Drs. Francisco de Oliveira Passos e Arnaldo Guinle. Para dizer sobre elegancias não podia ter melhor fecho".

Os figurinos desta pagina: vestidos "deux piéces" guarnecidos de bandas do mesmo tecido ou de tecido de tonalidade mais clara ou mais forte.

Na secção de agulha: modelo de bordado em organdi, sêda ou linho. As folhas de linha lustrosa sêda, em ponto de cadeia; os passaros amarello e a borboleta azul.

—

Os mais elegantes modelos e as mais lindas creaturas: nos salões do cabellereiro A. Fadigas.

—

A Confeitaria Paschoal reabriu o bello salão do primeiro andar.

A alta sociedade carioca lá se reune, á tarde, para o chá que é um habito agradavel e essencialmente "chic".

SORCIÈRE

Em cima e em baixo, dois instantaneos apanhados nos salões do Club Gymnastico durante o baile de sabbado passado.

No centro, no Theatro Municipal de Nictheroy em 4 de Abril,

quando a Academia Fluminense de Letras recebeu os novos titulares effectivos, entre os quaes o nosso companheiro Professor Adalberto Mattos.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

Todos os meninos devem lêr "O Tico-Tico", porque esta é a revista que mais instrue as creanças.

Dr. Ferdinando da Silveira Filho, pharmaceutico já ha annos e agora medico pela mesma Faculdade do Rio Janeiro, onde se distinguiu pelo brilhantismo dos seus cursos.

Jessy, filha do Professor Alvidio Candido Lopes Conrado e Dona Alzira Ferreira Conrado.

O PROFESSOR MEDEIROS ACCLAMADO JUIZ DE PAZ, PELO CLERO, DEPOIS DA MISSA DOMINICAL

Passava o Professor pela porta da escada de um sobrado e uma voz meio aflautada gritou: "conheço muito os farcistas, espiões das lojas respeitaveis da Maçonaria...

E eu tambem conheço muito, replicou o Professor, os atrevidos cafagestes que vivem a fintar a humanidade, para assistir festas patrioticas, que não se realizam nunca.

O boato desse dialogo se espalhou com presteza em toda a cidade e no proximo domingo o senhor Vigario, commentando o facto, propoz que se acclamasse Juiz de Paz da Freguezia o Professor Medeiros, que conhecia de perto os tartufos principaes de sua diocese.

E foi assim que o Professor Medeiros alcançou um titulo sympathico ambicionado por tantas pessoas.

Esta scena foi presenciada ha mais de trinta annos por chronista chamado Gil Phanôr.

O primeiro cuidado do Juiz Medeiros foi aconselhar a doutrina seguida pelo Numa Pompilio, um dentista que teve por muitos annos consultorio na rua Nova do Recife: "Todo aquelle que ver um diabo na porta do inferno, dê-lhe um ponta-pé, para facilitar a entrada do bicho nas profundezas de Satanaz.

Gil Phanôr.

●

TINHA CERTEZA, MAS...

Hontem, no salãosinho do teu chalet, beijei teu bello collo e tu estremecestes com certa volupia. Depois beijei teus lindos pésinhos, abandonados mundanamente em cima do tamborete japonez e tu estremecestes, sorrindo sensual. Beijei tua bocca e tu me dissestes que eu sabia beijar e havias sentido, finalmente, a sensação de um beijo. Animado então eu te pedi o supremo amor.

Ficastes um pouco pensativa; em seguida, porém, delicadamente meio risonha, me entregaste as flores, que horas antes te havia enviado, com um geitinho de quem espera as despedidas...

Comprehendi tua "certeza". Beijei tuas mãosinhas e despedindo-me te disse: Tem razão, eu não o faria... Acho muito feio...

Hoje eu soube que tu ficastes muito triste porque... me amavas e, apezar da tua "certeza", tinhas, entretanto, alguma... "esperança"...

Engraçado!... Continúa com tua "certeza" e perde as esperanças minha querida e mimosa flor...

CABANAS.

● ● ● ● ● ● ● ● ●

BREVEMENTE

GRANDE CONCURSO DE S. JOÃO D'"O TICO-TICO"

X A D R E Z

NOTAVEL FEITO DE ALEKHINE

Nova York, 1 (U. P.) — O campeão mundial de xadrez Alekh'ne, jogou hoje 52 partidas ao mesmo tempo, ganhando 42, empatando 6 e perdendo 4.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE XADREZ

Club de Xadrez de Porto Alegre

O Rio Grande do Sul terá, dentro em breve, uma entidad que honrará seu nome: é a Associação Riograndense de Xadrez. Não tendo Porto Alegre, até o presente, um Club de Xadrez, a idéa de sua fundação teve a ma's franca acceitação, pois, tendo sido a mesma lançada ha poucos dias, já conta a novel Associação com um muito grande numero de socios fundadores.

A Associação R'ograndense de Xadrez já tem proporcionado a seus futuros consocios verdadeiras noites enxadristicas em sua séde provisoria, sita á rua dos Andradas n. 1705.

Entre os socios fundadores daquella entidade, contam-se nomes de destaque da sociedade Porto-Alegrense e o nome mais cotado para a sua prime'ra Presidencia é o do Dr. Mauricio Cardoso, Deputado á Assembléa dos Representantes, o qual já acceitou sua ind'cação para ser incluido na Chapa Official da prime'ra Directoria.

Espera-se para muito breve a fundação definitiva da Associação Riograndense de Xadrez.

●

PROBLEMA N. 11

Cauby Pulcher'o — Inedito

"Dorinha... meu amor"

Pretas — 9 Peças

Brancas — 7 Peças

Mate em 2 lances

c7—2p5—1pT1p5—1Pb1B1p1—Rp1p2P1—1B1r4—8—4D3—

PROBLEMA N. 12

S. Loyd

"The love chase"

Pretas — 5 Peças

Brancas — 4 Peças

Mate em 3 lances

—5C1r—5Ppp—8—8—2D3p1—8—8—b6R

●

Brancas		Pretas
J. R. Capablanca		Dr. O. I. Bernstein
P 4 D	1	P 4 D
C 3 B R	2	C 3 B R
P 4 B	3	P 3 R
C 3 B	4	C D 2 D
B 5 C	5	B 2 R
P 3 R	6	P 3 B

Este e os poucos lances seguintes constituem um systema de defesa que foi cuidadosamente estudado pelo Dr. Bernste'n, e que elle já jogára contra mim em um de nossos dois jogos em Moscow. A partida anterior resultára em um empate, tendo eu ficado peor na abertura, devido ao erro de não dar sah'da ao BD.

B 3 D	7	P × P
B × P	8	P 4 C
B 3 D	9	P 3 T D
P 4 R	10	P 4 R

Tudo isto faz parte do systema já referido na nota anterior, mas é forçado a não ter razão, visto estar contra os princip'os das aberturas. As Brancas, por seu lado, desenvolvem-se estrictamente de accordo com as linhas bem estabelecidas, e cedo são capazes de mostrar a fraqueza do plano adversario.

P × P	11	C 5 C
B 4 B R	12	B 4 B
Roque	13	D 2 B

As Pretas não podem jogar D2R por causa de P6R, porque ter'am de tomar com o PB; esta era a explicação dada pelo Dr. Bernstein na occasião.

T 1 B	14	P 3 B
B 3 C	15	P × P

As Pretas recuperaram o P, mas um exame da situação mostrará que as Brancas têm posição vantajosa. Todas suas peças estão em jogo, algumas em defensiva e outras em pos'ção de ataque, até o B, que não parece estar bem collocado, terá breve uma acção efficaz, emquanto que as Pretas ainda não rocaram e sua TD e BD não estão desenvolvidas. E' agora occasião das Brancas tirarem vantagem da posição, antes que as Pretas tenham tempo de desenvolver suas forças.

P 4 C !	16	B 2 T

Um cuidadoso exame mostrará que as Pretas não poderiam, sem perigo, tomar o P, por causa de C5D. O objecto do lance anterior das Brancas é alcançado. O B não mais domina duas diagonaes, uma offensiva e outra defensiva, porém sómente uma, e como enfraqueceu a defesa de seu R, é occasião de conduzir o ataque.

B R × P !	17	P T × B
C × P C	18	D 1 D
C 6 D ch.	19	R 1 B
T × P	20	C 3 C
B 4 T !	21	....

Este, na m'nha opinião, é o mais bello lance da partida, ainda que todos os commentadores o tenham desprezado. Antes de fazel-o eu tive o trabalho de analysar uma grande quant'dade de combinações, cujo total importava ao menos numa centena de lances. A combinação do texto é uma dellas, e eu tinha de prever tudo até o fim, antes de tomar a resolução de fazer este lance. Por seu lado a simples continuação C × P poder'a ser adoptada.

....	21	D 2 D
C × B !	22	D × T
D 8 D ch.	23	D 1 R

(Si R2B, C6D ch., lance do R, e mate).

B 7 R ch.	24	R 2 B
C 6 D ch.	25	R 3 C
C 4 T ch.	26	R 4 T

(Si R3T, C (6D) 6B ch. R4P, C×P ch., R3T, C (4T) 5B ch., R3C, D6D ch. e mate no outro lance).

C × D	27	T × D
C × P ch.	28	R 3 T
C (7C) 5B ch.	29	R 4 T
P 3 T R !	30	....

O ponto decisivo da combinação que começou com B4T. As Brancas estão sempre ameaçando mate, e o caminho melhor para evital-o, é para as Pretas, rest'tuir todo material que tem de vantagem e ficar com tres Peões a menos. Eu creio que esta é uma das mais longas combinações em registro, e que, se o numero de peças envolvidas, seus varios aspectos e compl'cações, são todos considerados, será difficil achar uma para oppol-a.

Pessoalmente eu não acho que esta combinação seja tão trabalhosa nem da

qualidade daquella que desenvolvi em San Sebastian contra o mesmo Dr. Bernstein, mas é certamente mais longa ou ao menos mais interessante em alguma de suas variantes, e a pos'ção chegada com o ultimo lance parece mais um problema que uma partida jogada. Eu peço perdão se me alonguei demasiadamente em relação a esta partida; não só ella seduz a m'nha concepção artistica, como obedece os requisitos logicos e analyticos que julgo essenciaes em uma obra prima.

....	30	C 1 B
P × C ch.	31	R × P
B × T	32	T × B
P 3 C	33	T 7 D
R 2 C	34	T 7 R

Si T × P, C 3 B

P 4 T	35	C 3 C
C 3 R ch.	36	R 4 T
P 5 T	37	C 2 D
C (4T) 5 B	38	C 4 B
P 5 C	39	B 5 D
R 3 B	40	T 7 T
P 6 T	41	B 2 T
T 1 B	42	T 7 C
P 4 C ch.	43	R 4 C
T 7 B	44	....

As Pretas poderiam ter abandonado aqui.

....	44	T × P ch.
R × T	45	C
R 3 B	46	abandonam

SOLUÇÕES

Problema n. 1 — D 1 D
" n. 2 — C 7 B D
" n. 3 — C 1 D
" n. 4 — C 3 R

SOLUCIONISTAS

Problemas ns" 1 e 2 — Enviaram soluções exactas os Srs. Neophito (Porto Alegre — Rio Grande do Sul), Pery (Carandahy), Pequenino, Frig'do.

Problemas ns. 2 e 3 — J. Alderac, L. Lessa, Pepe, Gustavo Massow, Potyguara, Paulo Lahmeyer, Othon Nogueira, Pequena do outro mundo..., Orestes Tavares, Cauby Pulcherio, Seraphim Clare.

PRAZO PARA ENTREGA DAS SOLUÇÕES

Em vista das reclamações recebidas, resolvi dilatar o prazo de 14 para 21 dias, para as soluções vindas dos Estados. O da Capital continúa o mesmo.

CORRESPONDENCIA

Neophito (Porto Alegre) — Agradecendo suas gentis palavras, communico-lhe que já dilatei o prazo de recebimento das soluções vindas dos Estados. Apreciei muito, e commigo todos os enxadristas cariocas, a not'cia da fundação da Associação Riograndense de Xadrez, e peço-lhe o obsequio de continuar a env'ar-me informações, que publicarei com grande prazer, sobre a marcha do Xadrez no seu glorioso Estado. Aconselhe aos Directores da novel Associação a filiarem a mesma á Federação Brasile'ra de Xadrez. A União faz a Força. Disponha sempre.

Pery (Carandahy) — Não lhe dou as explicações que pede, porque não entendi a sua carta. Explique-se melhor

ROUPA NA CORDA...

Este é o bloco da Fuzarca
Lá no Club de xadrez
Que no ultimo Carnaval
Enorme successo fez.

Vem na frente o Presidente
Cantando todo janota
"Eu cá não quero carinho,
O club precisa é nota".

Em segu'da o Seraphim
Vestido de borboleta
Alegre, batendo as azas
Diz: "Eu sou da bola preta".

Pulando todo fagueiro
(Não julguem não que isto é peta)
Apparece o Souza Mendes
Mamando numa chupeta...

Affectando o esqueleto
Cheio de garbo e de pose
Vem o "Miss lá do Club"
Dizendo a todos — "Nem ouse"

D'z o Orestes chorando,
"Vamos deixar de visagem
Que eu só perco no xadrez
Quando applicam malandragem".

Com uma roupa de bahiana
(Meu Deus ! mas que idéa louca)
Vem o Alcindo Vianna
Com o palito na bocca.

Em segu'da o Burlamaqui
Dansando tango argentino
Com um ar todo romantico
De Rodolpho Valentino.

Rebolando com os quadris
Num passinho de marreja
Vem o Oswaldo Rabello
Gritando ass'm: "Não corveja".

Vestido de Odalisca
Como sempre anarchisado
Vem o amigo Lacerda
Berrando como um damnado

Logo atraz o Walter Cruz
Olhando para a Odalisca
Diz com ge'to desdenhoso:
"Deus me livre desta bisca".

"Entre typos de belleza
As morenas sempre escolho",

Isa, filha do Sr. Isaac do Nascimento, no dia da sua primeira communhão, em 5 do corrente, data em que se passou o seu 10° anniversario natalicio.

Diz o Barbosa Oliveira
Abrindo e fechando um olho...

Vest'do de bailarina
De sua belleza crente
Successo faz o Lahmeyer
Dansando a "Dansa do ventre"

(Continúa no proximo numero)

BELLEZOCA.

ERRATA do numero anterior: O problema n. 9, é mate em 2 lances e não em 3 como sahiu.

—

As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Redactor da secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada deb'tarei 5 pontos. O prazo para entrega é a seguinte: Cap'tal 7 e Estados 21 dias. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis, Redacção do "Para todos...". Rua do Ouv'dor n. 164 — Rio.

A arte na Russia Sovietica

(CONCLUSÃO)

ficava a dever ás mais celebres manufacturas da Europa. Como os objectos que fabricava eram destinados exclusivamente á Côrte, são quasi desconhecidos do grande publico estrangeiro. Durante a guerra a manufactura foi transformada em usina. O Governo provisorio da primeira revolução não fez muito caso da porcelana. Mais tarde, o governo dos Soviets procurou dar á arte da porcelana o logar que lhe competia sob a direcção artistica do pintor Tchékhonine. Primeiro, contentavam-se em decorar novamente as peças antigas, riscando a marca imperial com um traço, imprimindo, então, o martello e a foice. Pouco a pouco, porém, a manufactura recomeçou a fabricar, creando modelos absolutamente novos, destinados principalmente á propaganda. Os artistas que trabalharam, então, na decoração da porcelana, apezar de serem, as mais das vezes, ultra-modernos, inspiraram-se, entretanto, no estylo russo, quer do Imperio, quer no gosto popular.

Em parte alguma, como na Russia, a inspiração popular exerceu influencia tão grande sobre a arte e existem actualmente, máo grado as duas condições da vida, artistas populares de inspiração ingenua e fresca.

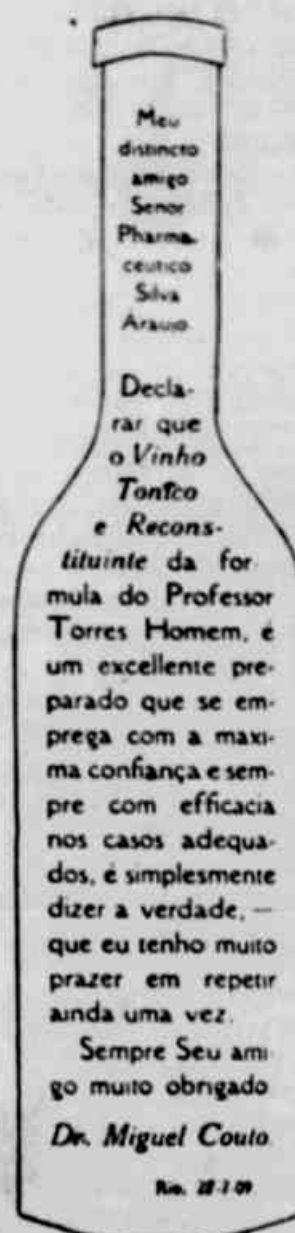
De todas as artes, a que mais soffreu foi a architectura. Quasi não se construiu durante a revolução, e os architectos russos tiveram de se limitar a vastos projectos de inspiração mais ou menos classica.

Ha tres annos que a arte sovietica parece entrar numa nova phase. Os enormes creditos destinados ás bellas-artes foram muito reduzidos; todas as primitivas idéas de reformas grandiosas no dominio das artes parecem abandonadas definitivamente; a Manufactura de Porcelana volta a fabricar objectos de utilidade; as edições de arte, antes tão numerosas, tendem a desapparecer por falta de fundos.

As grandes correntes artisticas mudam de direcção. A Commissão Central Executiva exigiu de Lounatscharsky, commissario do povo na Instrucção Publica e nas Bellas-Artes, o abandono de experiencias incomprehensiveis para o espirito russo. Esse periodo, denominado por um critico de arte, o Sr. Pounine, a capitulação da arte sovietica, marca um passo decisivo.

Em conclusão a essa breve exposição, que deveria abranger tambem os esforços para a renovação da decoração, da indumentaria, da enscenação e da luz theatro, póde-se dizer que a arte antiga na Russia sahiu quasi illesa da revolução. Todos os museus estão em segurança e muitos foram melhorados e augmentados. As collecções particulares mais valiosas foram transferidas para os museus. As pequenas collecções foram salvas em parte e nacionalizadas; foram estas as que mais soffreram das destruições e dos saques. As bibliothecas e os archivos estão conservados com zelo e cuidado. O ensino das bellas-artes, depois de passar por muitas reformas ephemeras e contradictorias, voltou ao curso normal. A architectura moderna ainda não existe. A esculptura nada realizou digno de nota. A pintura, depois de um periodo de extravagancia desenfreada, procura acalmar-se. A gravura sobre madeira, a edição de arte, a madeira esculpida e a porcelana constituem, por emquanto, as mais notaveis das artes decorativas.

GEORGES LOUKOWSKY

Ex-membro da Commissão de Conservação dos monumentos historicos e dos museus russos.

Clinica Medica de "Para todos..."

LYMPHATISMO

Estado morbido produzido pelo excesso de lympha, na torrente circulatoria sanguinea, o lymphatismo se caracterisa por um conjuncto de symptomas, entre os quaes avultam os engorgitamentos ganglionares, as dermatóses, os tumores brancos, as suppurações do nariz e dos ouvidos, a predisposição para a erysipéla, o abatimento physico, a fadiga ao menor esforço, etc.

A herança morbida, a alimentação insufficiente, a falta de exercicio, as habitações anti-hygienicas, extraordinariamente humidas e sem os beneficios da ventilação e da luz solar, são as principaes causas do lymphatismo.

Nas creanças, o lymphatismo deve ser radical e promptamente debellado, para evitar que sobrevenha a diathese escrofulosa, — consequencia do lymphatismo e um dos mais activos predisponentes á tuberculose.

Os medicamentos de eleição, para combater o lymphatismo, são os compostos iodados e o oleo de figado de bacalháo. Infelizmente, porém, nem todos os organismos toleram taes remedios, ministrados de fórma simples, como devem ser. O iodo occasiona phenomenos de evidente irritação das mucosas, — lacrimejamento, coryza, inflammação da bocca, salivação abundante, azia, nauseas, etc. E o oleo de figado de bacalháo, puro ou empregado sob a fórma de emulsão, origina perturbações gastricas e intestinaes, circumstancia que difficulta a alimentação dos enfermos e vem incrementar ainda mais a fraqueza.

Pelos motivos acima expostos, muitas vezes deixam de actuar beneficamente preparações de valor incontestavel, a exemplo do xarope de rabano iodado e da emulsão de oleo de figado de bacalháo, simples ou em associação com outras drogas, taes como os hypophosphitos de calcio e de sodio.

A therapeutica moderna resolveu substituir o oleo de figado de bacalháo, pelo extracto obtido com os principios activos do citado medicamento, completamente liberto da substancia gordurosa. E, com relação aos compostos iodados, o problema foi resolvido, preferindo-se o iodo associado ao tannino.

Concorrendo a acção geral do iodo no organismo, com a acção tonica e adstringente do tannino, é possivel prescrever, por longo tempo, o medicamento, sem que se evidencie a intolerancia já descripta.

A unica difficuldade que ainda existia a respeito da administração dos preparados iodo-tannicos, — difficuldade relativa ao seu gosto desagradavel, maximé tratando-se de senhoras e de creanças, a pharmacia moderna conseguiu remover. Existem preparados agradaveis ao paladar, sob a fórma de xaropes e de vinhos saborosos. E no genero de granulação, tão facil para o emprego em creanças de tenra idade tambem não ha carencia de compostos iodados perfeitamente assimilaveis.

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando-se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

Assim, a therapeutica da época presente, ao contrario do que se verificava noutras éras, está apparelhada para combater com efficacia o lymphatismo, porquanto o iodo, empregado sob a mencionada associação, é capaz de exercer uma acção reguladora, sobre toda a rêde lymphatica e sobre os orgãos correlatos á mesma rêde.

CONSULTORIO

NARCISO (São Paulo) — Use internamente: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas — uma colher (das de café) num meio copo dagua fria assucarada tres vezes por dia. A's refeições use "Agua de Vichy (Celestins). Externamente lave a região indicada com agua e sabonete de benjoim e, depois de enxugal-a, applique em compressas frias: borax 2 grammas, hydrolato de rosas 20 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas.

V. E. R. A. (Araçatuba) — Haven do certeza dos antecedentes alludidos, póde usar o "Treparsol", da seguinte fórma: pela manhã em jejum e de uma só vez, empregue 2 comprimidos, descanse durante 3 dias, e, assim, successivamente, até acabar o tubo de comprimidos. Deve ter sempre em lembrança que não poderá fazer uso de alimento algum, nem duas horas antes, nem duas horas depois de ingerir os comprimidos.

CECY (Parahyba do Sul) — O assumpto pertence ao especialista de otorhino-laryngologia. Deve consultal-o sem demora.

G. A. R. S. (Rio Preto — A neurasthenia profunda é a causa de tudo o que relatou. Parece que as preparações camphoradas não convem ao seu estado. Insista na medicação apotherapica assim conduzida: pela manhã, um comprimido de hypophysina e, ao anoitecer 2 comprimidos de orchitina. Depois de cada refeição principal use o "Forxol". Faça por semana 3 injecções intra-musculares com a "Lipocerebrine".

T. H. R. (São Paulo) — Durante as crises mencionadas em sua carta, use: extracto fluido de gelsemium 50 gottas, benzoato de benzyla 1 gramma, extracto fluido de viburnum prunifolium 2 grammas, tintura etherea de valeriana 2 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de melissa 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 3 em 3 horas. Deve fazer por semana 3 injecções intra-musculares com o "Néo-Rhomnol".

SAMY (Florianopolis) — E' conveniente procurar um especialista para exame directo do orgão. Póde fazer lavagens locaes, empregando: acido borico 1 gramma, solução de chloreto de zinco a 5 por cento 30 grammas, agua fervida 1.000 grammas.

DR. DURVAL DE BRITO

C A R N A V A L

Heloisa, filha do senhor Edmundo Pereira Leite

Em cima: no Hotel Bragança, em Caxambú. (Photo A. João)

C A R N A V A L

Rachel, filha do senhor Balthazar da Silveira

Em baixo: no Hotel Avenida, em Caxambú. (Photo A. João)

Officinas Graphicas d' "O MALHO"